

REVISTA MENSAL

DA

SOCIEDADE

PARTHENON LITTERARIO

1.º ANNO. — OUTUBRO DE 1869. — N.º 8.

—o-O-o—

TYP. DO JORNAL DO COMMERCIO

PORTO ALEGRE

1869

CÓMISSÃO DE REDACÇÃO

Vasco de Araujo e Silva.
Appollinario Porto Alegre.
José Bernardino dos Santos.
Aurelio V. de Bittencourt.
Francisco Isidoro de Sá Brito.
Hilario Ribeiro de A. e Silva.

REDACTOR DE MEZ

José Bernardino dos Santos.

OS PALMARES

ROMANCE HISTORICO

POR

APPOLLINARIO PORTO ALEGRE

(CONTINUAÇÃO)

CAPITULO III

Avancemos um passo no interior. E' quasi no fundo, onde mal lobra-se a porta d'uma pequena camara.

A noite vai adiantada e uma pallida e languida menina inda vela. Reclinada no leito com a fece apoiada sobre a mão, parece dar livre curso á meditação. Ahi na mais lucida e aurea quadra do viver, quando porventura devia encarar o mundo pelo prisma das illusões, ella vê o esphacelo que o corróe, já possue seu cadaver dissecado, bem como os augures de Roma a pagã, soletrou-lhe nas visceras a verdade monstruosa.

Ahi nas noites sem somno, duradouras sempre como um seculo, tem curtido asperas e lentas agonias, que, semelhantes á giboia ennovelando a suçupara, ião aos poucos lhe aquebrantando as forças, e dando incremento aos paroxismos d'uma febre, que lhe absorvia a seiva da existencia.

Tendes, leitor, conhecimento do que seja a combustão espontanea, sequer d'outiva? Pois a dor que se abraça a uma entidade por larga dura não lhe é somenos, quiçá mais cruciante, mais cervical, mais satânica e inconcebivel; porém fallamos da dôr moral, para a qual não ha panacéa, nem refrigerio, a não ser a leiva dos sepulchros. A eternidade! A eternidade só lhe basta! porque só ella pôde encher o abysmo de desespero e angustia que então se rasga, se amplia, se aprofunda sem termo na alma do desgraçado!

Enfermidades corporeas em que se lhe assemelhão?

A consumpção da intelligencia, a atrophia do coração é só das almas grandes.

O cerebro vulgar do arrieiro e do hyppopotamo, do aulico e da lagartixa, não tem um ventriculo em que possam hospedar as angustias Moraes...

Amelia, apenas sahira das faixas do berço infantil, tivera o equuleo do martyrio! O inferno pelo céu!

Pobre moça!

Magnifica flor do mandacarú, mal abrindo o botão da pubescencia, e batida dos tufões na grimpa das serranias!

E como hei de stereotypal-a, pol-a em relevo? De que modo reproduzir sua figura tão aerea, tão idealista, tão divina? Como retratar um sorriso de Deus que chrystalizou-se ao descer á terra?

Timantho desesperando de exprimir a tristeza nos traços de Agamemnon, não correu sobre elles um véo? Imitemol-o, que se a veja aavez da gaza d'uma ligeira descripção.

Na galeria social dois typos de mulheres se ostentão peculiarmente. Umas são a gaivota apanhada na amplitude dos ares por uma rajada impetuosa, resistindo ao principio, mas acabando por cahir desfallecida no limo das charnecas, onde mancha as brancas plumas. Outras a lagrima das noites adormecida no seio da graciola: as auras matutinas perpassão, brandêão a hastea da planta, arrastando na oscillação a gotta limpida e serena, ora á extrema da petala, ora ao fundo da flor, até que o sol derramando-se sobre o valle a exalce ás regiões do céu, transformada em tenue e diaphano vaporzinho.

Amelia pertencia ao ultimo grupo.

Ha donzellas lindas e sympathicas que angarião até pelos ademas um olhar d'amor, mas Amelia... O' ella!...

Quem não tem visto por entre torreões de caligens um raio do sol coar? Pois ella era bella como este raio do sol.

Seus cabellos em madeixas negras como a aza do anum, emmolduravão um rostinho pallido de lioz, cujas partes e contornos pronunciavão-se em proporção continua e em cadencia de linhas suaves.

O porte dotado da flexibilidade da creciuma tinha um tanto do impalpavel das peris que povoão os céos da Persia, dos gnomos azues e transparentes que, na quebrada d'uma encosta, o mineiro sueco julga deparar.

Então trajava um vestido de filele escuro, que fazia sobresahir visivelmente a chernita das feições e das mãosinhas, escondendo em parte a gentileza do talhe, esvelto como o d'uma palmeira, se bem que as vibrações da mracha cheia de elação e vivacidade, o denotassem. Abotoado na garganta, bem ajustado sobre o corpo, desenhava as evolutas d'um colo admiravel e d'uma cintura, cuja delgadez o olhar não cansava de admirar com o desejo de estreital-a amorosamente.

Amelia! O' ella!... Quem não tem visto por entre torreões de calligens um raio do sol coar-se?

Pois ella era bella como este raio do sol.

Nunca olhar envolvera-se mais n'uma athmosphera humida de melancolia, nunca filtrava um brilho tão morno e tão ineffavel, mas tambem nunca absorvera um mundo de tanta meditação. Se o riso em sua boquinha engraçada abria os labelos, era merencorio e pungente, parecia um crepusculo da tarde.

Quem a visse assim, librada entre o firmamento e a terra, diria que assás pungia-lhe uma nostalgia de sua patria nativa: — a mansão além dos astros.

Comprehenderia Amelia o sentimento espontaneo d'esses arroubos e d'essas scismas profundas?

Teria uma noção distincta dos phenomenos que a tornavão um dedalo inextricavel para a psychologia?

Não, que tudo isto decorria de sua natureza, como factos normaes.

Sempre, quando os olhos fruião tanta animação e deslumbravão com tanta vida de pensamento, sua alma esparecia-se n'uns longos vagos e indefinidos, n'um mar sem praias banhado de dubia luz crepuscular.

Bracejando, n'uma aspiração sublime para o infinito, esta franzina creança debatia-se em ancia cruel, presa ao sólo de nosso planeta pelas adobas do involucro terreno.

O thema dos meditaires que a arrancavão ao positivismo da existencia, durante longas horas, erão: Deus, patria, liberdade e amor, bafejados do perfume da idealidade.

Porém, nem constantemente saboreava taes momentos de volupia. O lozango d'um relampago cruzava o horisonte de seu viver solitario.

Uma scena domestica, terrivel para ella no travo, porque defendia-

se contra os ataques e as insolencias d'uma madrasta, tinha então lugar. Depois no remanso de seu quarto as palpebras se lhe humectavão de perolas d'um sofrimento inexprimivel.

Flebil voltada para o crucifixo impendente do muro, balbuciava com voz maviosa e tremula: Maria! Frederico!

Mãi e irmão!

Pobre orphã de carinhos, não dormes sob as azas da maternidade, nem no teu irmão tens arrimo e consolações!

Amelia em taes momentos, curva sob a corôa de angustias...

Quem não tem visto por entre torreões de calligens um raio de sol coar-se?

Pois ella era bella como esse raio do sol.

Quem deixára de amal-a? Quem não reclinára ante ella: — adorando o Creador na creatura — como disse um poeta persa?

Depois atirando-se sobre o leito com o seio partido pelos soluços, com a expressão das magoas expandida pelas faces, era d'uma formosura divina, traduzia o omega a ulitma palavra da genesis material — a perfeição plastica, o ideal do poeta e do artista.

Era uma d'essas mulheres que nascerão para ser um idolo eterno e não para os gozos transientes do mundo.

Ella scismava quando entramos. Alguns instantes decorridos, batem á porta. Da attitude meditabunda, em que se achava, não se moveu. Suas forças espirituaes reconcentravão-se todas n'um ponto intrinseco.

Qual? Deus o sabe.

Pancadas de novo soarão mais fortes.

Apenas meneou a cabeça, como se incommodada do ruido estranho que vinha perturbar-lhe a paz.

Ouvindo-o outra vez, despertou-se completamente do lethargo, e perguntou:

— Quem está ahí?

— Minha senhora, mandarão chamar-lhe.

— Quem?

— O senhor.

— Não sabes para que, Joanna?

— Venha de pressa, está... nem devo contar... venha.

Eil-a em pé mais pallida do que nunca. Com a mão comprime o latego infrene do coração, os olhos debulhão-se-lhe em pranto copioso, caminha vacillante para a porta.

— Meu Deus! Minha mãe! Querem matar-me, pronunciou em tom convulsivo e plangente.

CAPITULO IV.

E' um recinto sombrio então illuminado por dois brandões que prendem-se aos veladores.

Pelos muros destaca-se um arsenal de guerra.

Pero Lopes taciturno, os supercilios horivelmente carregados, de vez em quando deixava escapar das pupillas uma chispa fulminante. Semelhava-se á féra, que occulta-se n'uma bastida e impacienta-se esperando a prêsa, em cujas carnes ha de sepultar o famelico dente.

Eulalia parecia indifferente, porém perscrutava de soslaio, os movimentos do esposo.

A's vezes, qual se fôra tocada do apparelho de Leyde, um estre meção involuntario e que ella com esforço supremo procurava occultar, vinha trahir a conflagração de contrarias paixões bem no adyto do peito.

Se Pero Lopes não fôra dominado dos mesmos sentimentos, o teria talvez notado.

Ambos soffrem em cruel expectativa.

O silencio sepulchral, que os rodeia, exuberantemente o prova.

Alfim no corredor se ouviu o ruido de passos e o farfalhar d'um vestido.

— Eil-a! exclamaram em côro.

Amelia appareceu radiante. Crer-se-hia que um diadema cingia-lhe a testa.

A Blandina do Senhor preparára-se para o sacrificio, reunindo n'este solemne momento toda a energia de sua compleição feminil.

Acercou-se do pai sem trepidar.

Nas orlas virentes de uma lagôa, em nossa patria, quando a borrasca abre as azas nos espaços, enrugando a superficie das aguas, accumula cylindros sobre cylindros, quem não tem visto a garça de candida plumagem arrostar com marcha airosa e altiva os furores da onda? Assim Amelia.

— Mandastes chamar-me ,meu pai?

— Sim, disse timidamente.

Mas erguendo-se de subito, debatendo-se como nas convulsões da epilepsia, contra um poder intimo que o tornava miseravel e pusillanime ante a filha, espumando ,torcendo os pulsos a verter sangue, rugiu:

— Sim, mandei chamar-te, vergontea degenerada de uma nobre raça, opprobrio de teus antepassados...

E parou suffocado de raiva...

Depois de tomar folego, proseguiu:

— Sim, hei de vingal-os inda que necessario seja beber teu sangue no craneo de teu irmão... Beber teu sangue, não... não... que é demais impuro.

Entregarei teu corpo aos molóssos e urubús da estrada, e creio mesmo que poucos hão de tocar-o.

Tu e teu irmão conspirão contra mim e meus irmãos de berço! Tu e teu irmão!

E uma gárgalhada estrepitosa e nevralgica reboou em toda a sala, fez vibrar os instrumentos bellicos suspensos nas paredes e inda foi repercutir exteriormente.

Seus dentes rangião como os do caitetú na montanha.

A virgem immovel, escudada em sua innocencia, nada respondeu, mas seu coração pulsava irregular.

— Ah! agora não fallas? Procuras os momentos que me acho ausente para insultar Eulalia! E que affrontas!

— Meu pai, nada disse, nada fiz.

— Não o fizeste? Então, quem mentiu, foi ella.

— Algum dia faltei-lhe a verdade?

A's vezes não fui mesmo franca em prejuizo meu? Que necessidade teria em atear a discordia na familia? Meu pai conhece melhor do que ninguem o genio de que sou dotada, e que era impossivel procurar desavenças com minha madrastra.

E algumas lagrimas a oito borbulhavão sobre a face setinosa da linda moça.

— Olhem a innocente ovelha! Quem hoje ameaçou Eulalia com o exterminio dos portuguezes no Brasil, denominando-os pelo alcunha de — emboabas? Diz-me Amelia?

— Eu?! Oh! o juro pelas cinzas sagradas de minha mãe...

— E no entanto serei eu a mentirosa? acudiu Eulalia com voz vibrante; e tirou uma carta que apresentou a Pero Lopes, acrescentando:

Vê se poderei calumnial-a, se ha malignidade e odio em minhas intenções.

Elle arancou-lh'a das mãos, e em curto lapso devorou seu conteúdo.

— Esta carta, Amelia?

— De Frederico.

— E ouzas desmentir tua madrasta? Aqui os pensamentos não combinão com tua insolencia de hoje?

— Estou tranquilla, meu pai, eu nada disse.

— Bem ,tu não viverás mais em nossa companhia, mandar-te-hei para um convento, vil intrigante. E enquanto a teu irmão, tem vivido de mais...

A pobre menina sentiu correr-lhe um calafrio pelos membros, estremeceu por Frederico.

A jekeri, mal a bate o rabido alipede vento da noite, treme e re-trahe-se toda; mas logo ao beijo da aurora expande-se, espaneja-se na luz que a banha, na aura matutina que a envencilha em abraço amoroso.

Assim Amelia. Ao principio recolheu-se; mas depois animada pelo sol d'uma santa affeição, seu olhar coruscou na penumbra em que se engolfava, distendeu a branca mãosinha, moveu os labios e sem consciencia do que ia pronunciar soltou estas tremendas palavras:

— Matai nós ambos, já que nos matastes a mãe.

O sentimento fraterno, o unico que lhe era permittido então fruir, a allucinára.

Pero Lopes desprendeou um rugido que abalou a casa nos alicerces. Seu crime estava descoberto pelos próprios filhos!

Authomaticamente lançou-se sobre uma espada suspensa na parede, e ia vibrar o acicalado ferro no collo immaculado da virgem do-brada sobre os joelhos, quando no exterior restrugiu safara e ruidosa pocema cazada a repetidos golpes de machados nas portas da sala.

Estacou com o braço erguido.

Erão os Palmares.

(Continúa.)

FREI CHRISTOVÃO DE MENDONÇA

ARTIGO HISTORICO

Em dous venerandos grupos dividirão-se os primeiros apóstolos que percorrerão os vastos sertões da America meridional.

A' este pertencerão os Nobrega, Aspicuelta, Luiz da Grã, Sardinha, o immortal Anchietta, e outros illustres missionarios, que deramarão os primeiros germens da civilisação europea as margens do Atlantico, pregando o Evangelho entre os Tupinambás, Carijós, Tupiniquins, e outras nações gentlicas, que acampavão em seu litoral e cercanias.

A'quelle, que invadia as cordilheiras que orlão o Pacifico, pertencerão os Cataldino, Mazeta, Diogo Torres, e além de muitos outros varões celebres, os illustres martyres Roque Gonçalves da Cruz e Frei Christovão de Mendonça, os primeiros que penetrarão os ridentes valles do Paraguay, Paraná e Uruguay, inaccessíveis até então aos proprios exercitos europeos, como aos tupys seus alliados, e onde fundarão esses templos, que ainda hoje existem n'esta provincia em magestosas ruinas.

Era nobre essa cruzada! divina a resignação e constancia d'esses venerandos apóstolos, como foi heroico o seu valor, zelo e caridade evangelica.

A par dos conquistadores que Portugal e Hespanha enviarão ao novo mundo, marchava o soldado da fé; ali onde o canhão proclamava o dominio de um rei, o Jesuita proclamava o do Christo; onde a espada do usurpador derribava uma victima, elle cavava um tumulto e erguia-lhe uma cruz á cabeceira; e assim, enquanto a conquista avançava deixando após si larga esteira de sangue, e junto a cada padrão que erguia, hecatombes de tribus inteiras, elles se embrenhavam sós, indefesos, pelos sitios os mais remotos e asperos e ião no seio de florestas ignôtas receber a gloriosa corôa do martyrio, ou arvorar o negro estandarte do Golgotha, fundando povos a sua sombra augusta, edificando templos e reduzindo ao gremio civil e ao christianismo hordas barbaras e noma-das, reunindo os destroços das nações foragidas, dispersas e perseguidas pelos europeos.

O Jesuita penetrava o coração das florestas e ia ter ao amago das tabas gentlicas, onde proferindo o verbo augusto, embriagava seus habitantes nos perfumes da fé, adormecia odios inveterados, e transformava-lhes a barbarez dos costumes pela moral e dogmas da religião que propagavão.

Frei Christovão de Mendonça foi tão zeloso e venerado nas missões do Paraguay, qual havia sido Anchietta no Brazil; como este matizara de aldeas o plainos do Piratininga em torno de seu famoso templo e collegio, internou-se Frei Christovão para o interior da provincia de Tayati, onde fundou o povo da Encarnação, máo gráo a reluctancia e ameaças de varios caciques, e do character feroz dos gentios que ahi habitavão.

Como o apóstolo dos Indios, Frei Christovão, prosseguia gloriosamente a sua propaganda, vendo engrossar por centenaes o numero de seus cathecumenos.

Já acima dissemos qual a vasta e fértil zona que era habitada pela esforçada tribo guarany, raça indômita, guerreira e barbara até a antropophagia, que apesar de infinitamente subdividida em pequenas aldeas ou cacicados, era temida e intratável para com os europeos, com quem entretiverão renhidos e varios combates, cabendo-lhes sempre, além da victoria, os despojos que deixavão no campo da acção os invasores, quando repellidos de seu territorio.

Os Jesuitas, mal recebidos a principio, não desanimarão em seu intento, e após muito esforço baldado, conseguirão os perseverantes Roque da Cruz, Montoya e Frei Christovão fazerem-se amar por essa nação e ensinar-lhes a religião de que erão dignos apóstolos.

Segundo as chronicas escriptas por elles proprios, forão os Jesuitas recebidos pelo gentio com aspreza, desconfiança e ameaças; mas pouco tardou em serem por elles acatados com o respeito e veneração que tributavão aos enviados d'esse Deos, de quem uma vaga, mas enraçada e geral tradição lhes dava uma idéa; tradição narrada e aceita por muitos autores, e tratada, inda que diffusamente, em sua historia pelo respeitável padre Pedro Lozano, que como Rodrigues Montoya e outros testificação, é a da passagem e pregação do apóstolo S. Thomé por esta parte da America.

Além de muitos outros que sobre ella escreverão, eis o que a respeito de tal tradição escreveu em 1613 ao Provincial Diogo Torres o venerável padre José Cataldino.

"Muitas cousas me tinham dito desde o principio estes indios, acerca do glorioso Apóstolo S. Thomé, que elles chamão *pae Zumé*, e não as tinha escripto antes, para melhor me certificar e averiguar a verdade. Dizem pois os indios anciãos, e os caciques principaes, que tem por certissimo, por tradição derivada de paes á filhos, que o glorioso S. Thomé apóstolo veio á suas terras do lado do mar do Brazil, e que atravessando o rio de Tibaxiba (onde elles e seus antepassados moravão) então povoadissimo de indios, foi passando por seus campos ao rio Haybay, e que d'ahi foi ao rio Piquiri, d'onde não sabem para onde foi.

Nas cabeceiras d'este rio, dizem os indios, se achão as pisadas do glorioso sancto impressas em uma penha, e o caminho pelo qual atravessou estes campos está ainda aberto, sem se ter nunca fechado, nem ter crescido nunca a herva, apesar de estar no meio do campo onde não trilhão os indios, e assegurarão que as penhas por onde vem este caminho estão abertas, deixando no meio um caminho igual ao mesmo chão, e affirmão terem-o elles visto."

A' esta tradição deverão os Jesuitas a mór facilidade e exito na conversão dos gentios á crença de um unico e verdadeiro Deos.

Não é, porém, nosso intento, pois somos muito obscuros para tal, fazer um resumo historico desses feitos grandiosos que illustrarão os primeiros seculos do dominio colonial, mas sim, e simplesmente, render preito a santa memoria de um illustre e venerando sacerdote que teve em nossa Provincia o throno do martyrio, e um tumulo que ignoramos onde existe.

Filho de um dos Governadores da Provincia de Santa Cruz da Serra, descendia Frei Christovão de Mendonça, de uma muito nobre família hespanhola.

Como Roque da Cruz, seu contemporaneo, emulo e seu socio de apostolado e martyrio, Frei Christovão, abandonou a nobreza, os titulos, a fortuna, as delicias do lar e da familia e todos os prazeres com que a opulencia circumda aos seus dilectos pelos duros encargos da Companhia de Jesus, começando por renegar o nome de Ruiz, que tinha, pelo de Christovão, com que o conhece a historia.

Jovem de ameno trato, cuidada educação e rara intelligencia, pos-

suia uma alma ardorosa e nobre, como era seu physico ornado de belleza, graça e frescor, o que o tornava distincto entre os demais cavalleiros, e ao qual se prendião as maiores sympathias e as mais risongas esperanças de sua familia e das nobres donzellas de sua alta sociedade.

Elle, porém, parecendo insensivel a tantos extremos e affectos, fugia desse ambiente morno e mephitico que respirava no solar paterno para a solidão dos êrmos e dos bosques. Nada ali o deslumbrava, nada o prendia ao fausto; e julgando talvez, pouco brilhante e digno para si esses brasões e glorias legados por seus antepassados, elle calçou-os com o nome herdado, para conquistar outro mais nobre e glorifical-o com seus proprios feitos.

Arrastrado pela vocação, por esse poder superior e providencial, a que cegamente obedecia, ensurdeceo aos rogos de sua mãe, desobedeceo as ordens paternas, desprezou as lagrimas e supplicas da familia, e foi ser do numero d'aquelles apostolos em cuja bocca pôz Junqueira Freire, estes inspirados versos:

Era longe — bem longe: e eu vim primeiro
Scindindo as ondas d'esse mar profundo,
E por amor da Cruz vaguei sosinho
Nas invias mattas d'esse novo mundo.

.....

Eu disse ás tribus: — Todas vós sois ricas,
Que o ouro e a prata o solo vosso esmalta.
Sois ricas tribus, — mas não sois felizes,
Porque uma crença de um só Deus vos falta.

—————

E eu dei ás tribus uma crença doce,
Qual uma chuva de manná celeste:
E as tribus foram desde entam felizes,
Qual flor pomposa que os jardins reveste.

.....

De mim as tribus barbaras, indomitas,
De mim o verbo do Evangelho ouviram.
E ergui a cruz nos pinheiros dos montes,
E após o verbo os povos me seguiram!

—————

Bem moço, pois, começou Frei Christovão de Mendonça essa successão de perigos, de miserias e dores que se chama o apostolado — esse peregrinar incessante na derrama da caridade, do amor e da fé.

Curto, quão glorioso, foi porém a duração do seu apostolado, pois dous ferozes caciques, de nomes Ibitirai e Manândara, derão-lhe prematura e barbara morte em Ceaguayu, no territorio de S. Borja, segundo o manuscrito, e conforme outros historiadores na serra dos Tapes, á margem do rio Jacuhy, pouco mais ou menos no local onde hoje demora a colonia — Santo Angelo.

Assim, depois de uma existencia edificante, tão cheia de heroico fervor e caridade evangelica, de tanto nobre zelo, dedicação e amor, e tão memoravel por grandes commettimentos, virtudes e feitos, que até

hoje testificação, e perdurarão ainda aos tempos por vir, os povos da Encarnação, São Miguel, S. Thomé e outros que elle erguera como padrões de sua gloria no serviço do seu Deos e Senhor; e obrigando que seus amigos o abandonassem, pois grande era o perigo que os ameaçava, elle ergueo sua alma aos céos, deixando ainda seu corpo no eculeo do mais atroz e cruel martyrio.

Prestes a exhalar o derradeiro alento, volve o olhar piedoso á seus barbaros assassinos, e disse-lhes, com voz doce e ungida de dorida compaixão:

“Vós mataes o meu corpo, mas não tendes poder de matar a minh’ alma que ha de viver sempre, e que vae subir ao céu para gozar da gloria.

“Oxalá! que cresseis na palavra de Deos que vos ensinei, porém sois máos, por isso não me acreditaes.”

E estas forão suas ultimas palavras, pois apenas pronunciadas, o gentio enfurecido precipitou-se sobre elle, já moribundo, e partirão-lhe a cabeça com dous garrotaços, e mais iniquios esses barbaros do que o tigre de suas florestas, abrirão-lhe a garganta por onde tirarão a lingua da victima, e depois rasgando-lhe o peito traspassarão-lhe o coração em uma de suas hervadas frechas.

Tal foi o martyrio horrendo que pôz termo, no dia 26 de Abril de 1635, a vida illustre do veneravel Frei Christovão de Mendonça.

José Bernardino dos Santos.

Respondendo a uma carta anonyma

Logo após a chegada do paquete com a mala da Côte, achando-nos no escriptorio do **Rio-Grandense**, onde trabalhavamos com o seu illustre Redactor, fomos agradavelmente sorprendidos com a carta anonyma, que abaixo publicamos, e a que respondemos.

Ao lêr seu contheúdo dous pensamentos, verdadeiros antipodas, tumultuarão-nos o espirito deixando-nos perplexos sobre qual d’elles deveriamos optar.

Consultemos a varios amigos, cujos nomes n’ella se vêem d’envolta com o nosso, e elles, como nós, como todos, opinarão que a respondessemos.

Isto era perfeitamente impossivel, a não ser que a publicassemos, e com ella a sua resposta.

E’ o que vamos fazer começando pela carta recebida, que transcrevemos aqui:

“Sr. José Bernardino dos Santos.

“Rio de Janeiro, 20 de Setembro de 1869.

“Tomo a liberdade de escrever-lhe para pedir, que attenda ao que segue:

“Sendo o Sr., dos litteratos rio-grandenses, o que mais inclinação tem provado para dotar a nossa provincia com escriptos, que mais filhos de seu sólo nos parecem, peço-lhe que continue a publicar na **Revista do Parthenon** as lendas e crenças de nossa terra, escriptas com a elegancia que o Sr. sabe dar aos fructos de sua imaginação; que execute o pensamento que tem, de ver, em um drama todo original seu, a Antonina Marquelou interprete da Guarany, da Charrúa, Minuana, Tape, (já decantadas por Junqueira Freire, no hymno da **Cabocla**), em

vez de reduzir á drama poêmas de outrem, porque muita e maior gloria lhe caberia assim.

"Escreva tambem romances, taes como o **Guarany** e **Iracema**, — de Alencar, — **Acayaca**, de Felicio dos Santos, — e a **Virgem de Guaraçaba**, de Pinheiro Chagas; dê fructos verdadeiramente rio-grandenses, e os ponha a venda nas principais cidades da Provincia e no Rio de Janeiro; e aconselhe aos seus consocios que as suas composições pratiquem o mesmo.

"Porque, o Sr., em vez de procurar um factio qualquer da Provincia, foi buscar uma composição de Gonçalves Dias, para com os proprios versos d'elle reduzi-lo á drama.

"A **Revista do Parthenon** devia ser de maior formato, devia trazer as actas, as theses discutidas, emfim, tudo quanto na Sociedade se passasse: devia noticiar no **Ementario** não só as obras publicadas na Europa, Rio de Janeiro, S. Paulo, Bahia, Pernambuco &c., como tambem em todo o Rio Grande: devia trazer as biographias de D. Rita Barem de Mello (de quem a Sociedade pediu, supponho que ao Fontana, os apontamentos biographicos), de Felix da Cunha, de quem muito poucos talvez saibão o dia e o lugar em que nasceo, do Dr. Bello, e de outros illustres e notaveis rio-grandenses; deveria finalmente ter uma chronica de tudo quanto n'ella se passasse, e então em vez de trinta teria cem paginas.

"Aqui ha Sociedades formadas de estudantes de collegios, cem vezes inferiores ao **Parthenon**, tendo entretanto — revista quinzenal — de cincoenta paginas, contendo, é verdade, cousas que nada valem.

"O Sr. que naturalmente lê a **Arcadia** reflecta sobre — A litteratura no Rio Grande — de A. Maria Pinto, pag. 129 da 3.^a serie, e — Poétas e Poesia — de G. Paredes, na pag. 273 da mesma serie; e ao Rio Grande dê uma litteratura propriamente sua.

"Isto não será difficil n'uma Provincia que conta entre seus filhos mais talentosos os Bernardino dos Santos, Taveira Junior, Appollinario P. Alegre, Lobo da Costa, Carlos Ferreira, Villeroy, Hypolito Camargo, Sá Brito, Ignacio de Vasconcellos, Achylles, Paredes, Salomé, Aurelio & C., todos intelligentes, e que não encontrarão barreiras anté as quaes recuem em sua aventureira carreira.

"Nenhuma outra provincia do Imperio tem uma historia mais nobre e repleta de heroismo. Porque então, pois, não serão aproveitadas essas accões homericas para epopéas?

"Por acaso achar-se-hão gelados vossos corações a tal ponto que não queiraes embocar a tuba épica?"

Eis pois, transcripta a carta que nos fez dar tratos a imaginação no intuito de descobrir qual a penna que mysteriosamente a traçou; carta, que, por certo, guardariamos em silencio, se com nosso nome não viessem congraçados outros muitos de meus illustrados collegas e amigos, e que como eu são seus participes.

Será porém esta carta um epigramma que de tão longe nos vem ferir? Quem sabe! Quasi que o acreditamos quando nos manda escrever romances taes como o **Guarany** e a **Iracema**, d'aquelle que reputamos o Mestre, e a quem sagramos respeito e admiração.

Mas essa crença vacilla, e quasi que a queremos repellir, porque nós não merecemos o ridiculo, que n'esta hypothese, ella nos lançaria; e doe-nos no imo d'alma, que alguem ludibriando sacrificios e dedicação nos viesse arrancar da feliz quietação e obscurantismo em que viviamos, para, murchando esperanças, implantar-nos no coração o desanimo e o desgosto. Isso seria até uma vilania cruel, de que não queremos crêr á alguem capaz, e que nos leva a segunda hypothese.

Sim: e se ao contrario, se em vez do sarcasmo hi ha um conselho, uma palavra de affecto, de consollo ou animação; se são essas phrases

échos dos sentimentos de que são susceptíveis as grandes almas; se hi ha esse sentimento cujo perfume eleva a intelligencia e a alma ao nobre, ao bello e ao justo, porque se occulta aquelle que nos anima, e nos pede o trabalho e o sacrificio pela gloria de nosso porvir e do de nossa grandiosamente bella e nobre patria, e quiçá nos poderia conduzir té ella?

Oh! porque, se somos dignos de vosso apreço, se vos agradamos, se vos dignaes escrever-nos, porque negar vosso nome a nossa gratidão e amor.

E no entanto não são só as palavras nimiamente bondosas que para nós encerra esta carta, o que nos desvanece em jubilo quasi ao mesmo tempo em que o pezar nos possúe: ha ainda um outro motivo que nos obriga a julgar insensata essa carta; esse é — crêmos ser ella traçada por delicada mão feminina, pelo que julgamos dos finos traços que formão os angulosos e delgados caracteres que a constituem.

Oh! se bastasse uma promessa; se fosse preciso pôr á prova a nossa descripção; se enfim, nos exigissem um sacrificio mesmo; tudo faríamos gostosos em troca d'esse nome que tão injustamente nos occulta, e que no entanto, temos desconfiança que já o amamos.

Porto Alegre, 17 de Outubro de 1869.

José Bernardino dos Santos.

O BRAZIL

Poesia recitada pelo autor em a noute de 19 de Setembro de 1869,
por occasião do spectaculo do PARTHENON LITTERARIO, no
Theatro São Pedro.

Tupã já volve á terra a luz dos olhos.....
Cresce do bosque a sombra ao occidente.....
E o orvalho da manhã rorêja os prados,
Onde serpeia a trépida corrente.

Selvagem trovador, saudando a aurora,
O bosque acorda ao som de seus cantares;
E do universo o cantico de graças
Entôa a brisa na lyra dos palmares.

E, eu acordo tambem, salto da rêde
Tendo o riso no labio, e a esp'rança n'alma,
E busco no clarão que dos céos mânia
Da liberdade a luz, conforto e calma.

Qual a frecha subtil traspassa o fructo,
Eu, tão veloz, perpasso entre a ramagem
Do trançado sertão, galgo os outeiros,
Cruzo a verde collina, e a extensa vargem;

Fórmoo do'adunco peito breve igára
E rasgo á meio o limpido crystal
Do caudaloso rio, e corro, e sempre,
Quer pize flôres, relva, ou bravo urzal.

Em balde!... O iris não é da liberdade
Esse brilhante prisma que seduz;
E' sim, o lampejar de flamma ephemera,
E não de Redempção sagrada luz!

Nem é tambem da morte o gladio acceso
Que na voz do trovão fulmina os bravos...
E, eu quizera os irmãos contar por crâneos
Do que os vêr gemendo — vis e escravos.

Quizera vól-os todos, como hei visto,
Com honra, as gerações que já não são,
Mas que livres cahirão, qual nascerão,
Qual nasce e morre o cedro no sertão.

Mas fecha a noute... O céu se torna negro...
Depois... Inflama-se o oriente a luz d'aurora
— E' um dia que nasce, e outro que mòrre:
Ali — ha riso, ha festa... Aqui — se chora!

Nem o dia que passou levou comsigo
Essa dôr tão cruel que me pungia,
E nem esse que desponta traz-me a es'prança
De ser mais do que hontem — melhor dia.

E qual folha a folha as arvores se despem,
No peito, as illusões, que eu alimento,
Uma por uma vão myrrhando todas
Ao soprar da descrença... ao desalento!

E assim passa outra vez a grande tréva
Sem vir o maniô fallar-me ao sonho...
Esse dia que resurge é noute e trêda:
— Inda o urutáo se carpe em pio medonho.

Oh! não despertes, guerreiro, antes da aurora,
Em que deve o mago sol da liberdade
Brilhar na vasta taba americana
Sem ver da escravidão a potestade.

José Bernardino dos Santos.

FLOR DO LAR

I.

Mulher! anjo do lar, querida amiga,
Idolo unico, que no mundo adoro!
Céde a meus rogos, vem ante o Deos vivo
As benções implorar sobre nós ambos,
Que ligue o meu destino ao teu destino...

Celeste criação de humana especie;
Amoroso conjuncto d'esperanças,
O' tu, inspiradora de meu estro,
Vem completar meu ser, guiar meu genio,
Meu lar embellecer, feliz fazer-me!
Vem perennal thesouro em que meus olhos
Enchergão só ventura!

Dizes que te não sou indifferente,
Que compassiva, e circumspecta amante,
Escutas terna de meu peito os ais
A' ti levados pela cauta brisa,
Que os meus suspiros entretêm co'as azas.

Por Deos! O' divindade humanisada,
Santélmo que d'esta vida ao Bardo

As procellas amainas;
E seu canto sentido ao céu transmittes.
Desce das regiões ethereas de meus sonhos,
Vem, e á face de Deos jura que és minha;
E no solemne altar do amor que invóco,
Sob o templo immenso deste céu augusto,
Deixa que ao adorar-te eu m'extasie.

.....
Oh! não! basta mulher! A fronte inclina,
Recebe o diadéma... são meus beijos,
Teu throno é em meu peito,
O septro?... Nem eu sei... a minha penna...
Meu destino, sem custo, mudar podes.

Enleio de minh'alma,
Esthetica visão dos meus sentidos!
Um beijo, mais um beijo, um outro beijo...
Mas que rubor é esse que em teu rosto
Duas rosas desdobra perfumadas
Desse aroma do céu — pudor — chamado?
Como encanta, mulher, esse perfume!
E quanta fragancia ao purpurar das faces!
E's mãe, idolo meu? Cuida em meu filho,
E mais esse penhor de mim conserva,
Penhor que em duplo laço a ti me prende.

II.

Que laços tão doces, estreitos, tão fortes,
Tão ternos, fagueiros, tão cheios d'amôr;
Que magicos laços, que tanta esperança!
Que dupla ventura, do céu que favor.

E's mãe! Que grandeza, que amor respeitoso,
Que culto que inspiras c'o filho no collo.
Ser mãe é grandeza que a terra ennobrece,
Que ao mundo illumina c'o facho d'Apollo.

Que cousa sublime, mulher, é ser mãe!
Trazendo no seio o genio em embryão,
A' luz, n'um instante, do mundo entregal-o;
Aos peitos nutril o, formar-lhe a razão,

C'o leite, c'os beijos, c'o riso, c'os olhos;
Da eterna moral as leis lhe ensinar,
Do peito no imo, exemplos lhe dando,
Os brios, virtudes p'ra sempre gravar.

Com graça e enlevo saber conduzíl-o;
No bello e sublime sabel-o inspirar;
Mulher, és a guia no lar e no mundo!
Quem nobre e tão grande nos sabe criar?

III.

O' feliz fôra eu se em teu regaço
Gozar podesse de ventura tanta...
Gozar assim é um sonhar delicias
Que o tempo encurta quanto a vida encanta.

Louco por ti minha existencia foge...
Só a esperança me sustenta a vida!...
E's o meu sonho que a visão embala,
A minha estrella na affanosa lida.

Setembro 20 de 1869.

M. Alves de Paula.

RÊVERIE

Meditar como é doce! E' o sonho d'alma,
Scismar gozos do céos, gozando em mente!
Meditar no que?... Em mim? pobre diabo.
Alvo de magoas, que nos risos mente.

—
Oh! não, a fé! que o não farei.
Meditar... eu meditar? Teria graça.
Pensar? ah! ah! em que? no meu futuro?
S'está louco tambem doudo me não faça.
Deixemos meditações, é melhor rirmos
Do que estarmos sem lucro a nos mentirmos.

—
Pensar no meu passado? Não, não quero:
Se teve outr'ora flores 'stão fanadas;
Dos risos, do prazer, nascêrão dores;
E p'ra o pranto, e p'ra dôr dou eu rizadas.
O premio que anhelei, hoje regeito;
Ora pillulas! esse amor 'stá desfeito.

—
No presente? Oh! oh! oh! é bem feliz!
Vamos n'elle fallar: — Eu tenho amores;
Tenho inda tabaco e o meu cachimbo;
Tenho o ar que respiro; tenho as flores;
Supponho que seja meu o mundo inteiro;
E sou feliz assim, sem ter dinheiro.

—
No futuro não penso, elle é de Deos,
Que o dia d'amanhã nos dá ou tira.
Dizer — guardo este pão p'ra comer logo, —
Chama-se guardar o pão, comer mentira.
Que m'importa o porvir? dou-o á sorte.
O que elle nos reserva? A dôr! a morte!

—
N'esta vida pensar não vale a pena,
O mundo é como o vento, inda mais varia.
Vê-de como enganou-se a virgem noiva,
Tomando por seu véo, negro sudario!...
Se se morre do jantar na sobremesa.
Se morre o homem, o animal e a natureza?

—
Em que, pois, vou pensar se **tudo é nada?**
Ora adeos! caro senhor, não 'stou disposto
A tomar, extravagante **fashionable**,
Medidas do prazer ou do desgosto.
O que me importa a mim, voltas do mundo.
Se qual um casco velho hei de ir ao fundo?

Porto Alegre, 10 de Outubro de 1869.

Silvio.

IMAGE

(DU CHANTIER.)

Quand la tempête siffle au milieu des cordages,
Lorsque la vague vient, comme un bras de Titan,
Se cramponner en vain aux solides bordages,
Quand les vergues, les mâts, sont ployés par l'autan,
Et que la mer gémît sous un vaisseau qui sombre,
Pius d'une fois, ces mâts, où sont pendus sans nombre
Des câbles longs et noirs tendus par l'ouragan,
M'ont semblé, dans la nuit, des harpes colossales
Vibrant avec fureur sous les doigts des rafales!

Charles Poncy.

IMAGEM

(Tradução immediata a leitura da poesia acima.)

Quando o temporal freme entre o corlame,
E que a vaga titanea o braço erguendo
Açouta embalde a solida amurada;
Quando ás vergas o tufão despe o velâme,
Dobrando os mastros, e a nave, rangendo,
Ergue em seu dorso a onda encapellada;
Mais de uma vez, **Imagem**, me recordas
Uma harpa colossal, tocando os céos
C'os mastros, onde o vento entesa as cordas
Que tangem ao embater dos escarcéos.

Porto Alegre, 7 de Julho de 1869.

Bernardino dos Santos.

SETE DE SETEMBRO

Pobres ruínas de infeliz vaidade!
Solidões, onde ha pouco o despotismo
Estupido se erguia,
Vós que'ouvieis fallar da liberdade
E occultas sempre em lutulento abysmo;
Sem ver a luz do dia;

Escutae minha voz insulsa e rude,
Este canto sem metro e sem cadencia,
Mas franco e verdadeiro
Devaneio de estólido alaude;
Que ousa saudar o sol da independencia
Do Imperio Cruzeiro.

Hoje faz annos que se erguendo um povo
Foi aos mundos da luz buscar a gloria,
Vestio-a senhoril!
Foi ao bello buscar um nome novo,
E em lettras immortaes gravou na historia:
"Imperio do Brazil!"

Depois fitou altivo a immensidade,
Ergueo a fronte ao sol resplandecente
No firmamento azul;
E cheio de solemne magestade,
Com prazenteira voz altipotente
Que atrôa Norte e Sul,

Bradou: — Gigante, no berço
Hontem escravo — hoje Imperio!
Eu sou a Nação primeira
Deste imponente hemispherio!
Té além do trópico austrino
Vão meus dominios immensos
Sorver os raios intensos
Do sol de além do Equador!
E desde o cabo São Roque
No Oceano magestoso
Eu me estendo — portentoso
A's regiões do Condor!
Tenho cedros como o Libano,
Maior bahobab que o Egypto! (1)
Riquezas como as que eu tenho
Só póde ter o Infinito!...

(1) "Bahobab" — Arvore da Africa sob cuja rama podem formar milhares de homens. — Um naturalista inglez descobrio ha poucos annos no Amazonas uma outra arvore de dimensões mais descommunes, conhecida por "sumahumeira" e que aqui chamo de "Bahobab" por analogia.

Minhas florestas, meus campos,
Meus rios, valles e montes
Limitão mil horisontes
No espaço que Deos lhes deu!
Quatro gigantes rodeião
Meu dominio sobrehumano:
Prata, os Andes, o Oceano,
E o rei dos rios, que é o meu!

As auroras do Oriente
Inveção meu céu azul!
Meu sabiá, quando canta,
De inveja mata o **bulbul**! (2)
As mais frondosas florestas,
As mais fecundas campinas,
As mais inexhaustas minas
Eu sómente encerro em mim!
Meus palmares são mais bellos
Que os do Oriente orgulhoso,
Meu **molongó** mais cheiroso (3)
Que o mais olente jasmim!

Em tudo tenho riquezas,
Quaes nunca alguém possuo,
Quer do Equador aos fulgores,
Quer além trópico ao frio!
Ha mais amor nos meus bosques,
E tudo é paz, tudo festas
Nas minhas verdes florestas!
Nos reconditos sertões
As Tapuias feiticeiras
Que as andaluzas mais bellas,
Mais formosas que as estrellas,
Tem fogo nos corações!

Não ha nada mais suave
Que as noutes no seio meu,
Quando as estrellas divagão
Pelos desertos do céu!
E quando a brisa fagueira,
Beijando as aguas dormidas,
Canta nas folhas pendidas
Das palmas do burity,
Derramando pelos ares
Em cada languida nota
Confundida a essencia ignota
Da baunilha e do "humiry"! (4)

(2) "Bulbul" — Nome do rouxinol da Asia.

(3) "Molongó" — Flor de suavissimo perfume, abundante nas varzeas e margens dos rios do Pará.

(4) Humiry — Arvore do Pará, cujo oleo é tão perfumoso que a simples casca della depois de guardada annos conserva toda a intensidade do perfume.

De tão formosos thesouros
Quem é senhor como eu sou?
Quem tão estranhos portentos
No mesmo solo encontrou?!
Ninguém — a noute, ou na aurora
No Sul algente, ou no Norte!
Porque ninguém teve a sorte
De ser o Imperio da Cruz!
Sou o gigante das selyas,
Meu leito é mar de saphyras,
Meu manto de sucupyras,
Meu sceptro raios de luz.

Creança — no berço ainda,
Escravisado me achei!
Mas hoje a dura cadeia
Do captiveiro quebrei...
Um pygmêo insensato
Ousou chamar-me de escravo,
Sem saber que, forte e bravo,
Nasci para ser senhor!...
Esquecendo, pobre louco,
Que por minhas vastas zonas
Corre indômito o Amazonas
E vôa altivo o condor!

Sou o orgulho do Oceano
Que banha meu littoral,
Porque mar nenhum conhece
Qualquer quê lhe seja igual!
Do Cruzeiro eu sou a gloria,
E dilecto das Esphas
Não sei contar primavéras
Pois vivo em perenne Abril!
E' meu caminho a virtude!
Meu destino a liberdade!
E, cheio de magestade,
Só eu me chamo — Brazil!

Julio Cezar Ribeiro de Souza.

EMENTARIO MENSAL

O leitor conhece o que seja a macabra? O quadro medonho que a media idade legou-nos desenhado nos muros de suas gothicas cathedraes?

Pois vou fallar a proposito.

Ha muito que eu ouvia contar maravilhas que se paixão á meia-noite, e no entanto duvidava.

Tenho a obstinação de S. Thomé: **non video, non crederam**. Será defeito, mas um defeito que faz-me trabalhar na indagação da verdade. Não dêem-me por isto o epitheto de sceptico. Não nego a realidade de Deus, da materia e da alma, como Aenesidemo e Hume; não pergunto-me, como Montaigne: Que sei eu?

Se nego, nego como Descartes, para deduzir uma affirmação, para... mas onde vou eu, meu Deus?! Ia já internando-me pelo trevoso mundo philosophico, mundo que dá toda a sorte de systemas, mas nunca a verdade, tantas philosophias, quantos são os philosophos, semelhando a essas regiões que Gulliver e Niel Klim, heróes de Swift e Holberg, percorrerão!

Fallava pois das duvidas que nutria sobre a dança dos mortos; mas já as não tenho, estou crente, como um sectario de Mafoma, e capaz de jurar como as personagens das comedias de Plauto: Aedepol! Ab Jove!

Crêdes? Dir-me-hão.

Sim, porque como S. Thomé assisti, toquei, vi...

Contemos o caso, como o caso foi.

Aconteceu n'uma das ultimas noites, quando o **Parthenon** ardia em febre contra o mahometano Cabral, que eu lia a vida de Apollonio de Tyana, Nostradamus, Paracelso, Cagliostro, Bosco e não sei quantas outras celebridades da sciencia dos mysterios, além de alguns livros de magia. Fazendo isto, procurava um processo para trazer o capitão á minha presença, embora sob a fórma d'uma pulga ou mosquito.

Os **critiqueiros** que tanto incommodão o meu caro Hilario, consintão que eu falle de pulga e mosquito. Nem devem fazer questão. (O ultimo, se a memoria não me falha, fôra poetisado por Salvandy em D. Alonzo em Hespanha. Placentius n'um poema cantou o combate dos porcos; Homero, segundo uns, o das rãs e ratos; A. de Macedo, os burros; Boileau uma estante do côro; Diniz um hyssope; Araujo Porto Alegre na destruição das florestas as surucucús, etc. etc. Arreda pois, **critiqueiros**! Deixem tambem passar: a pulga e o mosquito).

Maldito parentese! Não sei para que inventarão esta figura!

Ia pois trabalhando á pista da incognita, quando barafustarão pelas frestas da porta, pelo buraco da fechadura e pelo soalho os seguintes Srs. D. Asrael, D. Asmodêo e D. Queiroga.

Mal entrarão, fechão-me os livros, rasgão-me alguns calculos começados, saltão-me sobre a mesa, cantão, assovião, tração danças navalescas, fazem uma balburdia infernal!

Então arrependi-me devêras de ter travado conhecimento com semelhante gente...

O leitor não admira-se de ver Queiroga tão nosso amigo?

CRENÇAS ARGELINAS

O MÃO-VERDE

O Cherife arabe que commandava a insurreição contra Biskra, onde succumbio gloriosamente o commandante São Germano, arrastou em seu transito pelas montanhas uma infinidade de montanhezes indigenas, prevalecendo-se de uma mentira, accita e muito commum entre os rabes.

O Cherife fizêra uma peregrinação a Meca, e chegando ao tumulto do Propheta, foi tão feliz que metteo a dextra no interior do turbante que corôa aquelle mausoléu, o qual tinha usado Mahomet em sua vida.

Este arabe voltou enthusiasmado por tanta honra, qual a de haver tocado o turbante, e tingio-a de verde. Esta era a côr dilecta do Propheta, e a quem tem o turbante.

Esta mão verde devia operar prodigios. O Cherife, dizia elle, nada mais precisava do que apresentar-se ante os **roumi** (nome que dão aos francezes), e os raios que se desferirião de sua mão bemdicta, os fulminaria, ou punha-os em fuga.

Os francezes, pouco medo tiverão dos raios da Mão-verde, e apenas o avistarão carregarão com tal impetuosidade sobre os arabes, que commandava o tal Cherife, que cento e setenta e cinco homens, sem terem as mãos verdes, derrotarão quatro mil indigenas, pondo-os em fuga, depois de lhes ter morto mais de tresentos.

Foi este um milagre com que não contava, e nem previra nunca o Mão-Verde.

No entanto ainda continúa vigorosa essa crença supersticiosa.

—o-o-o—

SANAFADA

E' crença geral e arraigada no espirito dos musulmanos que os francezes não estenderão os seus dominios na Africa, e nada mais farão do que permanecer algum tempo em Argel.

Explicão sua crendice por uma palavra mysteriosa — Sanafada, que não tem em si mesma senso algum, porém que se compõe das letras iniciaes dos nomes seguintes: Sultões, — Nazarenos (christãos), — Fatimas (cherifes), — Dejalets (raça de pygmêos), — Aïça (Jesus).

Esta prophesia explica-se porém d'est'arte:

O reinado dos Sultões foi substituido pelo dos Christãos, o d'estes dará lugar ao dos Cherifes.

Elles pretendem que o Cherife, que deverá expulsar os francezes da Argelia, já está n'este mundo, pois que vira a luz do dia em Marok, e que chegará de Meca trazendo comsigo todas as populações musulmanas por entre as quaes passar.

Depois de reinarem os Cherifes, serão subordinados a uma raça de anões, raça infima e perversa que será exterminada por Jesus.

O filho de Maria proclamará e derramará sobre toda a terra a igualdade e justiça até o fim do mundo.

O prazo para o cataclysmo universal dista dous mil annos da **he-gira**, porque o Prophéta disse: — O mundo terá mil annos e mais, mas não chegará aos dous mil completos.

os tagarellas, faz fallar aos mudos, correr aos parlyticos e parar aos gamos...

A surpresa é o mais logico contraste do ouro.

Este aplaina, remenda, limpa, illumina e consagra tudo; aquella escalfa, rompe, conspurca, obumbra e anathematisa tudo quanto haja de mais generoso e mais nobre.

Dissemos: que só se conhecia o progredir e a vida entre nós, por esse thermometro da moralidade de um povo — a **roda dos engeitados**, mas ainda é tempo de retractarmos-nos, e assim o fazemos; porque a par da corrupção que avulta devastadora e gigantesicamente, marcha o progresso moral e material nas azas d'essa brisa perfumada e veloce que refrigera e purifica os miasmas sociaes.

Porto Alegre vive a vida do progresso e da civilisação; qual o Ashaverus biblico, caminha, sempre, e não como aquelle em precursor de flagellos, mas obreiro do porvir e da grandeza de um povo nobre, entusiasta e bemdicto de Deos!

Vejamos senão; aqui a litteratura nacional, que, nascente embora, palpita entre os louros que já lhe engrinaldão o berço infantil; ali aos açoutes do simoum da morte, entre o fumo dos combates, o pavilhão da liberdade que flamêa sobre as ruinas das alcaçares e das masmorras de um tyranno; a historia que resume nos heróes de uma nação todos os archetypos dos das outras; a poesia da guerra, este mixto divino de nenias e hymnos, de magnanimidade e barbarez, de bello e horrivel, esse concerto do inferno, essa harmonia despedaçadora de soluços e gemidos com os canticos do triumpho!

E, se á esses a gloria espera além tumulo, á outros sorri a fortuna. Este povo, cuja fronte altaneira hoje se levanta laureada sobre os pincares das cordilheiras do Paraguay á admiração do mundo civilisado, tem acção em todas as fibras de seu corpo, colosso que impõe limites ao Atlantico.

Deixando mesmo o que se passa além da Provincia, já não seria facil enumerar o que n'ella se offerece digno de menção. Seu progresso material tanto como o moral é immenso e futuroso. Em curto lapso veremos em seu seio lançado o trilho ferreo que deverá unir a capital ao emporio agricola da Provincia, e outro que trará o producto de suas minas ao porto, senão o melhor, o mais concorrido, e unico por onde passão os generos que permuta o nosso commerciante. Assim tambem o telegrapho ligará por minutos a correspondencia entre Porto Alegre e as cidades e povos mais importantes e longinquos da Provincia, que talvez em breve vejamos (graças a uma dedicação rara e a esforços quasi impossiveis, taes os do intelligente Dr. Braga) unida a de Santa Catharina por esse amplexo da civilisação e da fortuna, qual se póde chamar ao ferro-carril.

E não são sómente os meios de communicação que facilitão as transacções commerciaes e o interesse publico e geral, o que temos para, com razão, inda que anticipadamente, nos regosijarmos, não; a industria prossegue tambem, mais lenta, é verdade, porém fertil em resultados benéficos.

Sim, a industria é a felicidade tambem, porque é a intelligencia dominando a materia que se molda e presta a sua vontade e necessidades, porque se estende desde a agricultura até a ultima das artes, até o sublime das concepções do genio, subordinada a applicação da sciencia. E' da industria que assim falla um autor francez, cujo nome ignoramos:

"E' por ella que manifesta o homem sobre a natureza o seu poderio: assim a cultura de um grão, o trigo; a descoberta de um metal grosseiro, o ferro; o emprego de um instrumento bem simples, a charrúa; os serviços que aos homens prestão os animaes que domesticára; e isto seria

sufficiente para mudar a face, para refundir as sociedades humanas; para subtrahir o homem á muitas dependencias, livral-o de muitos cuidados e satisfazer-lhe necessidades as mais legitimas; para emfim, desenvolver-o e tornar-o apto á exercer suas mais elevadas faculdades.

“Por uma lei providencial as necessidades do homem crescem na razão directa do desenvolvimento de suas faculdades. Esta tendencia invencivel da natureza é o mobil essencial de sua actividade, e pelo qual é incessantemente impellido a tornar-se de mais em mais livre, ao mesmo tempo que, de mais em mais poderoso.”

Conhecidas as vantagens, e inda que obscuramente, a historia da industria, resta-nos então consignar o apparecimento de uma nova, na Provincia; industria que se apresenta materialmente visivel, rica de futuro e de esperanças, offerecendo á navegação, ao commercio e ás artes um novo genero á permuta e trafico com o estrangeiro, para o trabalho; e quiçá para a gloria do paiz, que terá talvez, taes a decrepita Grecia e a orgulhosa Roma, a sua eternisação em seus marmores, se talhados pela mão do genio modelarem em symbolos a sua historia; n’essas abundantes e esplendidas jazidas que superabundão nos municipios circumvizinhos d’esta capital, as quaes dormem, senão o somno da ignorancia, o da inercia, e do abandono. — Oh! que Deos fade bem essa patriotica empreza, que acaba de estabelecer-se no louvavel e grandioso empenho de explorar e manufacturar os marmores do Rio Grande do Sul.

Deixemos, porém de parte, este assumpto, que talvez pareça á alguem improprio para ser tratado em uma revista litteraria — para adiantarmos ainda algumas palavras sobre outros importantes assim.

Temos sob as vistas tres lindissimas poesias, que nos merecem louvores, e são: duas scenas poetico-dramaticas — **O Anjo da solidão**, do illustrado poeta coetaneo, Sr. Bernardo Taveira Junior, e **O Anjo dos Sepulchros**, do talentoso Sr. Francisco Lobo da Costa; e a **Escrava fugitiva**, de nosso amigo o intelligente jovem Achylles Porto Alegre.

O Anjo da solidão é — uma das mais bellas creações poeticas de seu genero, e que bastaria para dar lustre ao nome do Sr. Bernardo Taveira, se este fosse ainda obscuro. Desejamos poder aqui transcrever completo esse poemeto, porque em sua leitura teria o autor elogio mais eloquente, que todos quantos lhe poderemos tecer; mas o limitado espaço concedido ao **Ementario** não nos permite a satisfação d’esse desejo; não podendo, porém, isso, cohibir-nos de notar, entre alguns, entre todos os versos que o constituem, estes que são bellissimos:

“Cada cranêo é um poema
“N’esta gélida mansão.
“Cada cruz signala um nome,
“E cada nome um padrão.
“Este campo é uma historia,
“E eu me curvo á memoria
“Dos que repousão aqui;
“Cada qual foi um guerreiro,
“Foi um martyr do Cruzeiro
“Por quem lagrimas verti.

“Quanta gloria o mundo ignóra
“Do silencio na mudez!
“Quantas c’rôas refloreecem
“D’este sitio na rudez!
“Aqui, livres contra escrâvos,
“Eu vi batalhões de bravos
“Combaterem sem temôr,

"Vi-os cahir denodados
"Bradando entusiasmados:
" Viva o nosso Imperador.

.....

"Oh! em tão féros combates,
"Em tanto ardor nos embates —
"Qual d'elles heróe não foi?!

.....

"Eia! ó cranêos, animai-vos!
"Vinde a historia contar
"D'essas pugnas gloriosas,
"D'essas lutas de pasmar!
"Mas não!... Basta que um só falle,
"Pois d'um só a historia vale
"Para honrar uma nação;
"Iguaes no arrojo e coragem,
"Combatião com a imagem
"Da patria no coração."

Este bello poêmeto foi pelo bardo rio-grandense dedicado a uma das glorias do palco brasileiro, a laureada actriz D. Adelaide do Amaral.

O Anjo dos sepulchros, como o Anjo da solidão desce entre as sombras da noute, em horas tardas ao campo, onde se ferira o combate, e então cemiterio; e ahi, ante esse lugubre painel, elle se reclina a cruz da valla onde dormem o somno eterno tantos heróes, e com voz ungida de piedosa saudade, ergue por elles uma prece ao Altissimo, e evocando a gratidão da patria, faz-lhe o panegyrico dos seus gloriosos martyres.

Só o poeta póde definir em sua sublime lingoagem as impressões que o extremecem ante esse triste espectáculo: deixemos portanto, a elle a sua descripção, e ouçamol-o admirados:

"Sombria corre a noute, e as vozes do mysterio,
"De manso, nas hervinhas começa a soprar...

.....

"Tantas sepulturas... tantas cruzes!...
"Nem dardeja siquer um cirio além...
"Vérmes, ossadas... aguçadas urzes!...
"Oh! parece um terrível cataclysmal
"Diz-me, ó ar, que passaes, cortando as cópas
"Dos arvoredos, se isto é acaso scysma,
"Ou a verdade que meus olhos vêm?...

"O ar emmudeceo... nem me responde!
"Onde estou?... Ah! me diz agora a mente,
"Na mansão dos romeiros da saudade,
"Dos levitas da gloria e — Redempção!

.....

"Róla o raio nos céos... rasgão-se as nuvens,
"E a turba fêra nem sequer se aterra!
"Gemem feridos... hirtos de agonia!

"Que espectáculo inda aquelle?... tudo horrivel:
"Nas aguas um clarão como de incendio...
"As galeotas vão beijar o nivel
"Dos arroios, que espumão revoltosos!
"Boião cadaveres... mutilados todos!
"E o fumo se aproxima! Ah! cáem mortos
"Mil filhos do Brazil.

"A trincheira é raza!
"São leões que se arrojão no torneio...
"Exhala o sangue seu vapor que abraza,
"Jorrando immenso, fatal, imaginario;
"Parece uma mortalha se roçando,
"Rubra, nos braços de feral calvario!
"Tenho medo de ver! Que quadro feio!

.....

"Amanhã... Ai! Quem sabe! pelo pó,
"E pelas murtas, que o pampeiro arrasta,
"Será este sitio, um mattagal tão só,
"Ignorado p'lo viajor que passa!

"Que importa! Amanhã, aqui, nas beiras
"D'este bosque feral sem nome e luz
"Raiaará o jardim das oliveiras;
"E o calvario, rasgando a mysteriosa
"Procella do abysmo inviolavel,
"Mostrará ao que passa, alma saudosa,
"O sepulchro dos Martyres da Cruz.

Passemos agora ao folheto ultimamente publicado por nosso con-
socio, o Sr. Achylles Porto Alegre, contendo uma poesia a que chamou
A Escrava Fugitiva. Não somos, nós bem o sabemos, dos competentes
para fazer uma critica sobre qualquer trabalho litterario, e menos inda
sobre poesia. Té mesmo, nem o tentariamos se o fossemos. Mas somos-
lhe affeiçãoados, e muito francos e livres em nossos juizos, para dizer-
mos ao Sr. Achylles, o que pensamos sobre sua poesia; e ao contrario
de outros, começaremos por notar antes das bellezas, do merito que ella
encerra, aquillo que lhe julgamos defeitos, e são:

1.º — Que em sua poesia se aspira muito pronunciado o perfume
que trescalla da **Judia**, de Thomaz Ribeiro, de que é impressão imme-
diata e **Escrava Fugitiva**, como se vê nos seguintes versos:

Iremos tambem á Nubia,
N'Abyssinia e no Egypto,
A' patria das tradições,
O berço das lendas santas
D'essas nobres gerações
Agora já mortas tantas.

que lembrão os de Thomaz Ribeiro na poesia **Judia**:

"Cresci, meu pae, uma noute
"Disse-me — E' já tempo agóra;
"Ergue-te ao romper d'aurora,
"Vamos partir amanhã;
"Vamos ver as terras santas,
"Sepulchros de teus monarchas,
"A patria dos patriarchas,
"Desde o Egypto a Chanaã.

Estes outros do Sr. Achylles:

Mãe... ó... não irei mais longe,
Cansei p'ra sempre talvez,
O suor me alaga a face
O sangue me inunda os pés.

que são quasi os do poeta alludido:

"— Pae, cansei, mostra-mê a patria,
"Quero dormir sem receio...
"— Filha, encosta-te á meo seio.
"Que não tem patria Israel!"

E ainda outros, imitação immediata aos do cantor portuguez, igual até na construção, como vê d'esta quadra:

Dorme, filhinha das entranhas minhas
Dorme sosinha sobre os braços meus,
Dorme, que aqui eu chorarei por ti,
Anjo que vi esvoaçar aos céos.

Semelhantissima a est'outra d'aquelle poeta:

"Dormes? E eu vélo, seductora imagem,
"Grata miragem que no êrmo eu vi,
"Dorme — Impossivel — que encontrei na vida!
"Dorme, querida, que eu descanso aqui!"

2.º — Haver, se bem que raras vezes, como que um salto rapido do commum ao bello e vice-versa; um como sopitar de chofre a fluidez do verso, o encadear do pensamento, que parece quebrar-se; enfim, um certo **que**, que não saberíamos explicar, mas que sentimos de des-troncamento quer na acção, quer na mudança das situações, como se vê n'estes versos que são seguidos:

Antes morrer na miseria,
Sem familia e sem conforto,
Pelos seus abandonada,
Do que ser rica e captiva,
De um monarcha requestada,
Nas suas festas conviva.

Meu Deus, Senhor, dai-me forças!
Cansei, foi longa a romagem,
Mas poupa-me ainda uns dias
Até que eu chegue a Guiné;
Quero morrer de agonias
N'esse paiz que meu é,

3.^o — Finalmente, não differençar-se o genero do verso nas diversas passagens, n'esses transportes que se poderião chamar mutações e scenas em gyria dramatica.

E estes são os pequenos defeitos, todos quantos taes nos parecerão, e que talvez não o sejam, o que estimavamos de coração.

Vejamos agora o que ha digno, tambem a nosso ver, está claro, de elogio e de nota. Ha muito: ha quasi tudo. Vejamos porém, e comecemos pela pintura breve, mas linda e tocante, que faz o poeta da triste condição da escrava:

Se a pobre chora curvada
Ao pezo de mil tormentos,
Seu pranto não tem valia!
A escrava não tem direito
De verter pranto do peito
Pranto que a dôr allivia!

Se a miseravel captiva,
Curtindo tormentos tantos,
Pensasse em amar um dia,
Sonhasse um mundo d'amores,
Louca de certo seria,
Crendo um riso em mar d'horrores.

E' cheia de sentimento que ella contempla o seu estado, preferindo a morte pela extenuação no abandono a continual-o, e assim exclama com voz repassada de justa dôr:

Antes morrer sem lareira
No seio da solidão,
Sem um tecto, sem guarida,
Lavada a fronte em suor,
Do que ser-se n'esta vida
Escrava de um vil senhor.

Como é sublime a sua prece, quando erguendo o pensamento a Deos o arastra pelas areias ardentes de sua patria, e com a alma a transfundir-se no pranto, ora, e rezando falla ao passado, ás saudades, ás reminiscencias! E então são estas as suas eloquentes palavras:

Meu Deos, deixae-me ao menos
Ver o céu de minha patria,
Se patria a captiva tem!
Não sei meu berço onde é,
Se nasci em Mesasem,
Em Loanda — ou em Kobé.

—
Qu'importa! nasci na Africa,
Na terra de Mesraim,

.....
O' menti! Já nem recordo
O torrão, onde eu nasci,
Roubada ainda creança,
Quando dez annos eu tinha,
Só guardo fraca lembrança
Da mulher que sempre vinha
Cobrir-me as faces de beijos,
Acalentar-me em seu collo...

Porém, quem era meu Deos?
Que sempre a meu lado via,
A embalar-me aos cantos seus
Sorrindo com alegria?!

Em fim, depois de outras muitas strophes, onde a imaginação do poeta ascendeo bem alto, elle ainda soube significar a resignação da martyr, quando os ultimos lampejos da esperança de patria se lhe apagavão n'alma, com estes lindissimos versos:

Meu Deus, meu Deus, que fadiga!
O cansaço me suffoca,
Tenho sêde, mas a fonte
A secura me não mata!
Em brazas arde-me a frente,
Onde a dôr só se retrata.

Meu Deus, que sina maldicta,
Ir-se caminho da patria,
Quebradas tantas cadeias
De medonho captiveiro,
E ver-se correr nas veias
Da morte o sópro ligeiro.

A escrava fugitiva tem por autor um jovem, intelligente e estudioso que promete, se não desanimar como tantos outros talentos e vocações o têm feito, recuando o caminho da celebridade, ser o orgulho de sua provincia: ao menos isto é o que julgamos do Sr. Achylles Porto-Alegre.

Quanto ao juizo que formamos de sua obra, e que julgamos rude, porém sincero, nos faz lembrar a seguinte anecdota, que tem muita analogia ao caso: — Quando em juncta se redigia o *Dictionnaire de l'Academie*, e que o redactor da palavra *minutieux* marcára que o *t*, n'esta circumstancia, se pronuncia como se fôra um *c*, um dos membros presentes exclamou aturdidamente: — “Ora é boa! Bem sabemos nós todos que o *t* precedido d'uma vogal e seguido de um *i* toma o som de *c*.” Ao que respondeo Nodier, o redactor: — “Meu caro collega tende picie de minha ignorancia, e faça me a amicie de repetir a moicie do que acaba de dizer.”

Assim tambem o poeta dirá algo sobre o nosso juizo á sua poesia.

Uma vez na *maré* das anecdotes, lembra-nos uma outra, que se presta magnificamente a encaixe para fechar o *Ementario*, cuja anecdota se pode chamar a *dos dous adverbios*; eil-a:

Um estudante da Universidade de Coimbra que nos ultimos annos a frequentava, recolhendo se embriagado para casa, encontrou, de madrugada, o lente de sua Faculdade.

— Como vae? perguntou-lhe o *magister*.

— Vou *bebado*, respondeo o estudante.

— Pois já?

— *Ainda*, replicou-lhe o academico.

Assim fizerão connosco a respeito da redacção d'esta *Revista*, pois que perguntamos, surprezos, ao *Parthenon*: pois já somos redactor outra vez?—

E elle, por seu orgão mais autorizado — o Continuo, nos respondeo: — *ainda*.

Bernardino dos Santos.

Epilogo.

Desta vez fazemos um **Ementario** como os sonetos do fallecido Sr. João de Pontes, que continuavão, mas é para offerecer aos nossos dramaturgos o seguinte e deploravel acontecimento, como thêma para um drama historico, e que foi assim narrado em gazetilha da **Reforma**:

"Deo-se no dia 4 do corrente (Setembro d'este anno), na freguezia da Aldêa dos Anjos, um facto extraordinario, que revela a energia da mulher quando allucina-se pela paixão, e que se vê desprezada.

"Maria Justina era uma moça, residente na povoação da Aldêa; que segundo nos informão enamorara-se de um moço, negociante ali estabelecido, sendo o seu amor real ou apparentemente correspondido.

"Mais tarde espalhara-se o boato na povoação de que o moço desprezava Maria Justina, e que estava justo para casar-se com outra moça.

"A paixão e o resentimento puzerão nas mãos da corajosa moça a arma com que pretendia vingar o seu amor desprezado, ou quem sabe, a sua honra offendida.

"No dia 4 vestio-se Maria Justina em trages de homem; e ao escurerecer dirigio-se á casa do moço, pedio para fallar-lhe, e ao apparecer-lhe, recordou-lhe com resolução e energia o compromisso que havia contrahido da sua vingança.

"Nesse momento apontára-lhe a pistola, porém o esquecimento que teve de armar o gatilho permittio a fuga do moço, que fechára-se em um quarto.

"Maria Justina voltou á casa e ahi suicidou-se, desfechando um tiro sobre o peito.

"Dizem-nos que a infeliz suicida pertencia a uma honesta familia."

REVISTA MENSAL

DA

SOCIEDADE

PARTHENON LITTERARIO

1.º ANNO. — NOVEMBRO DE 1869. — N.º 9

—o-O-o—

TYP. DO JORNAL DO COMMERCIO

PORTO ALEGRE

1869

COMISSÃO DE REDACÇÃO

Vasco de Araujo e Silva.
Appollinario Porto Alegre.
José Bernardino dos Santos.
Aurelio V. de Bittencourt.
Francisco Isidoro de Sá Brito.
Hilario Ribeiro de A. e Silva.

REDACTOR DE MEZ

Francisco Isidoro de Sá Brito.

OS PALMARES

ROMANCE HISTORICO

POR

APPOLLINARIO POETO ALEGRE

(Continuação.)

CAPITULO V.

Mais de cem negros rodeão o vulto gigantesco de Pero Lopes, e de oito homens d'armas de sua gente.

São ondas sobre-ondas que batem um rochedo!

De todos os lados silvão golpes tremendos e elles inconcussos!

Ao principio descarregarão as armas de fogo, mas na continuação do combate só fazião uso da espada.

E então Pero Lopes?

Era admiravel, semelhava um colosso de granito em nossas cordilheiras, onde o raio apenas roça-lhe o fastigio.

O sangue frio, a flexibilidade de movimentos, a certesa da vista, não o desamparavão n'esse momento. Aparava o golpe martifero que lhe atiravão com uma destresa pouco idónea á sua idade, e quando feria um inimigo, rojava pelo chão banhado em sangue e praguejando contra o leão portuguez.

A turba-multa de inimigos estimulada pela resistencia e pelo ardor da peleja, soltava safara e selvatica pocema desesperando da pro-secuição d'uma lucta em que tão pouco disputavão o terreno, e quando voltavão á carga era com cego furor... ardor do desespero!... Porém desgraçados! Juncavão o soalho com outros cadaveres.

Depois de alguns vinte minutos, só restava Pero Lopes e dois de seus companheiros já cobertos de feridas.

Uma voz sobrepujou o tumulto:

— Basta... Os Palmares não desconhecem a bravura em seus contrarios.

Entre nós não ha um que o exceda em valor.

Deixem-n'o livre.

Disse; obedeei.

Foi um bello e gentil africano quem fallou. Através o azeviche do rosto transluzia-lhe a magnanimidade e a nobresa do coração.

Tinha o sello da magestade no porte e a soberania no olhar.

Acabára de entrar na sala.

Tambem á sua voz, á seu gesto de mando, as mãos descahirão e reinou tumular silencio.

Pero Lopes, cruzando os braços, mediu de alto a baixo.

— Escravo rebelde, disse com sobranceiria, manda matar me, se não breve serei junto ás tuas cabanas com recursos que hoje me falcem. E tudo será arrazado. Nenhum habitante escapará ao fio de espada.

Manda proseguir o combate, ou aliás lembra te que a memoria

da injuria não ha de extinguir-se em meu peito... Subupira de novo será um montão de ruínas.

— Orgulhoso portuguez, nada me debes. Se te deixo a vida, agradece a teu valor. Estás livre, parte. Se fores a teus irmãos, dizelhes: que Gozki, filho do Zambi Fabul, os espera em seus entrincheiramentos.

Tens jús á vingança, não a temo.

Pero Lopes acena aos dois homens d'armas que ainda vivião:

— Acompanhem-me.

E transpóz a soleira da porta fulminando com profundo olhar de despreso aquelle, cuja magnanimidade acabava de salvar-o.

Gozki sorriu com o sorriso tranquillo que revela um triumpho.

Admira que homens, como Pero Lopes, almas empedernidas, sem uma fibra de evangelicos sentimentos, quando se tratasse da guerra, se transformassem radicalmente. E' que n'estes aziagos tempos ainda vislumbra alguns vestigios da cavallaria, e apesar dos vícios dos colonos, se aceitava o legado das gerações passadas como uma veneranda tradiçcão.

Via-se então a pollucção grassando em toda a gerarchia social, desde o donatario até o vendilhão das ruas, desde a garnacha até a sotaina; porém, a não ser por um jesuita, a infracção das leis de honra e pundonor escasseava muito.

CAPITULO VI.

Lancemos agora um lance d'olhos sobre a fundação e marcha progressiva dos Palmares.

Aos nove grãos de lattitude norte, vinte leguas distante do mar, se elevão os mocambos dos negros Palmares, na fralda oriental da serra da Barriga.

Outr'ora... em 1630, quarenta negros que dizem filhos de Guiné, habituados ao infortunio e fadigas da guerra, acabrunhados sob o jugo despotico dos senhores, e outrosim dominados pelo espirito de liberdade que os hollandezes conseguirão inspirar-lhes, sacudirão as algemas do captiveiro internando-se nas densas e vastas matas de Alagoas. Caminharam alguns dias.

O topo recortado de uma montanha suspendeu-lhes a peregrinação.

Era de tarde. Uma tibia penumbra começava a rebuçar as trunfas das arvores seculares, que ostentavão luxuriosa vegetação.

A bafagem crepuscular, tepida e doce, segredava ternas endeixas no alaúde da melancolia.

O sabiá —ao recolher-se no docel da rama, despedia-se da luz com um canto cheio de inspiração.

Era a hora da scisma, da saudade e do amor.

Alli, na encosta crecção e mergulhavão nos ares seus leques tremulos, grande porção de airoas palmeiras.

A crista da montanha banhava-se no ouro do sol.

Era um painel soberbo!

Um scenario dos virgens sertões da America!

Estes romeiros da desgraça pararão estaticos, um assomo de admiração emmudecera-os.

De cada olhar deslisava um regato limpido e sereno. A patria, esta terra d'além-mar tão longe e tão estremecida, o passado librado entre o goso da liberdade e os amores das moças africanas, os parentes de cujos peitos foram arrebatados, o areal com seus medões de areia, a choupana de sua infancia, tudo isto reviveu-lhes no pensamento.

Chorarão estes homens de ferro!

Revocata Heloisa de Melo — nascida em Rio Grande. Publicou “Folhas errantes”, com prefácio de Mucio Teixeira, e os dramas “Coração de mãe” e “Mario”. Ela e sua irmã, Julieta de Melo Monteiro, publicaram, durante muitos anos, em Rio Grande, o jornal literário “Corimbo”.

Andradina de Oliveira — nasceu em Pôrto Alegre em 1859 e faleceu em S. Paulo em 19 de Junho de 1935. Dirigiu por muito tempo a revista “Escrínio”. — Publicou “Preludiando”, versos; “Cruz de Perolas”, contos; “A mulher rio-grandense”, biografias; “Antonio Conselheiro” e “Viuva e Virgem”, e “Berço vasio”, teatro; “O perdão”, romance.

São êsses os nomes que nos ocorrem, dentro do critério que nos traçamos.

Sala das sessões, 27 de setembro de 1949.

A comissão de história e geografia:

Afonso Guerreiro Lima
Othelo Rosa — Relator
Olyntho Sanmartin

P A R E C E R

A Secretaria de Educação e Cultura, em ofício de 21 de setembro último, solicita do Instituto um histórico da bandeira do Rio Grande do Sul.

A bandeira riograndense foi creada ao tempo da revolução farroupilha. Proclamada a República, pelo general Antonio de Souza Netto, em 12 de setembro de 1836, nos campos de Seival, cogitaram logo os revolucionários de crear um símbolo próprio, que substituísse a bandeira imperial.

Há, sobre o assunto, uma tradição interessante, abonada pelo depoimento de uma testemunha presencial, Manuel Lobo Ferreira Barreto, que entre os rebeldes esteve em Julho e Agosto de 1836: a de que os republicanos hasteavam, em combate, a bandeira do Império e, por baixo desta, uma outra, encarnada, que saudavam com salvas de tiros, o que implica na existência do símbolo republicano, antes de sua adopção official.

Em 6 de novembro de 1836, reunidos os republicanos em Piratini, para organização definitiva de novo Estado, e eleição de seus dirigentes, realizaram êles um solene “**Te Deum** no templo católico local. Ao saírem, em cortejo, do edificio da Câmara Municipal, levavam desfraldada, à sua frente, o pavilhão tricolor, conduzido pelo então major Joaquim Teixeira Nunes, valoroso farrapo que morreria, em 1844, como coronel, à frente do famoso regimento de lanceiros negros, no combate de Arroio Grande.

A adopção official da bandeira, entretanto, é posterior a êsse fato, como se vê do seguinte decreto:

“Piratini, 12 de novembro de 1836, 1.º da Independência e da Republica.

Occupando já na grande família das nações o lugar que lhe compete, o estado rio-grandense, e convindo que elle tenha um escudo d'armas, o presidente da Republica decreta:

O escudo d'armas do Estado Riograndense será de ora em diante da fôrma de um quadrado dividido pelas tres cores, assim dispostas: A parte superior junto a haste verde, e formada por um triangulo izoceles, cuja hypotenusa será parallela á diagonal de quadrado;

O centro escarlate, formado por um exagono, determinado pela hypotenusa do primeiro triangulo, e a de outro igual e symmetricamente disposto, côr de ouro, que formará a parte superior.

Domingos José de Almeida, ministro e secretario de estado dos negocios do interior, assim e tenha entendido, e faça executar com os despachos necessarios.

José Gomes de Vasconcellos Jardim
Domingos José de Almeida”.

A leitura dêste decreto suscita, de logo, duas observações:

- a) os republicanos rio-grandenses mantiveram, no simbolo creado, as duas côres nacionais, verde e amarello;
- b) erroneamente, deram á bandeira o nome de “escudo d’armas”, escudo que só mais tarde iriam crear, em data que até hoje não foi possivel fixar com exatidão.

O barão do Rio Branco, em suas *Efemerides*, refere-se à bandeira rio-grandense, nesses têrmos:

“escudo quadrado, partido em banda (“tranché), a primeira de sinople, a segunda de ouro, cortado por uma banda de góles. A descrição do decreto é diferente e escrita por algum professor de geometria, nada entendido em heraldica. A bandeira era formada de tres faixas horizontais, verde a de cima, vermelha a do centro e amarela a inferior”.

José Gabriel Teixeira, revolucionário de 1835, deixou da bandeira essa descrição:

“As faixas da bandeira compunham-se de dous triangulos, ambos retangulos, ficavam colocados, um pela parte superior, outro pelo lado inferior do exagono, a que ficavam ligados pelas hypotenusas. O triangulo superior era verde, o inferior amarelo, o exagono central encarnado, de sorte que o quadrado tinha um vértice tomado pela côr verde, o vértice oposto pela côr amarela e os outros dous vértices com a parte central da bandeira tomados pela côr vermelha. A faixa central encarnada ficava assim colocada na direção de uma diagonal do quadrado, sendo paralelos a esta diagonal as duas hypotenusas dos triangulos aludidos”.

Um jornal do Rio de Janeiro, "O Republico", em 1837, comentava a criação da bandeira da República de Piratini nesses termos pitorescos:

"Os republicanos tem adotado um pavilhão tricolor — verde e amarelo nos extremos, encarnado no centro: lustra muito bem. Cremos que o verde é a esperança de manterem a sua independencia; o amarelo sinal de firmeza e resolução nos seus planos; o encarnado noticia que levarão o fogo a qualquer parte, que os pretenda incomodar".

Desfraldada pelos farroupilhas, quer nos seus combates, quer nas suas comemorações, durante o decênio, o pavilhão tricolor teria de desaparecer, com a paz de 1.º de março de 1845. Ficaria, na lembrança dos que, à sua sombra, tanto pelejaram, e ainda na nossa poesia popular:

"Nos angulos do Continente
O pavilhão tricolor,
Se divisa sustentado
Por liberdade e valor".

Proclamada a República, em 1889, e reunida no Rio Grande do Sul a Assembléa Constituinte, surgiu a idéa de transformar em símbolo oficial do Estado a bandeira dos republicanos de 1835. Idéia que venceu, dispondo a Constituição de 14 de Julho de 1891, no artigo único do Título VI:

"São insignias officiaes de Estado as do pavilhão tricolor da mallograda Republica Rio-Grandense".

A adoção foi feita tendo em vista, exclusivamente, êsse dispositivo constitucional. Nenhuma outra lei, nenhum ato, regulamentou-a. E a consequência, resultante talvez daquele plural — insignias officiaes — do artigo da Constituição, foi ter o Estado adotado a bandeira, o escudo, e o hino da República de Piratini.

O escudo, como já expusemos, é de criação posterior e nunca fôra, pelos revolucionários de 1835, justaposto à bandeira. Eram símbolos separados, com diferentes funções. Ocorreu, entretanto, em 1891, essa justaposição; e daí passar a bandeira a ter um aspecto novo, perdendo, aliás, na singeleza e sobriedade das suas linhas.

O escudo, desde 1891, passou a ser parte integrante da bandeira, colocado no centro dela.

Em 1937, foram suprimidos os símbolos estaduais e, portanto, a bandeira do Rio Grande do Sul, afinal restaurada, em 1947, pela Constituição vigente do Estado, que assim dispôs, sobre a matéria, no art. 237, do Título XI:

"O Estado terá como insignia oficial o pavilhão tricolor da Republica de Piratini, e adotará igualmente o Hino Farroupilha".

A bandeira rio-grandense foi restaurada nas mesmas condições de 1891, isto é, conservando ao centro o escudo.

São êsses os elementos históricos que conseguimos coligir sobre a bandeira do Rio Grande do Sul e que nos parecem suficientes para bem atender a solicitação do Secretário de Educação e Cultura.

Sala das sessões, 11 de Outubro de 1949.

A comissão de história e geografia:

Afonso Guerreiro Lima
Othello Rosa — Relator
Olyntho Sanmartin

PARECER

O Prefeito de Santa Cruz, no ofício incluso, pede que o Instituto Histórico e Geográfico forneça um atestado de fixação da data exata da colonização do município.

Parece-nos que há o que distinguir, no caso.

Evidentemente, o que pretende o Prefeito de Santa Cruz é fixar a data em que, naquele município, teve início a colonização germânica; e que é dessa colonização que se pretende comemorar o centenário. Se assim não fôra, teríamos de recuar muito no tempo...

A região que hoje constitui o município de Santa Cruz, bem como o local atualmente ocupado pela cidade dêsse nome, não foram "colonizados", no sentido rigoroso da expressão, pelos alemães, ou descendentes de alemães, que ali chegaram em 19 de dezembro de 1849. Como aconteceu também em S. Leopoldo, chegaram em terra ocupada e desbravada, que iriam enriquecer e desenvolver com a sua extraordinária capacidade de trabalho.

De fato, já em 19 de abril de 1822 era concedida a João de Faria Rosa parte das terras em referência, que tinham a denominação de "Sesmaria do Faxinal", chamando-se "Faxinal do Faria Rosa", precisamente, o lugar em que está hoje a cidade de Santa Cruz. Observa-se, ainda, que a concessão, delimitando o terreno concedido, refere-se a terras que o concessionário já possuía, por compra, o que indica uma posse anterior a 1822. Nossa sesmaria moravam, antes de 1849, além do português João de Faria Rosa, Gregorio Silveira, José Rodrigues de Almeida, e Agostinho Antonio de Barros e outros.

A toponomia local, do tempo, é expressiva: "Arroio das Pedras"; "Lageado"; "Serra do Pinheiro"; "Faxinal Velho". E ainda em 1855, as "picadas" tinham denominações que atestavam um passado próximo: "Picada Santa Cruz", "Herdeiros do Vasco", "Travessa", "Rio Pardinho", "D.^a Josefa".

Esse Vasco, era Vasco José da Silveira, neto de Gregorio Silveira, já aludido, e proprietário do "Faxinal Velho"; e José Rodrigues de Almeida foi o encarregado de abrir a estrada que ligaria Rio Pardo à região da serra, passando por Santa Cruz, de que cogitou a lei n.º 111, de 4 de dezembro de 1847, assinada pelo presidente da Província Manoel Antonio Galvão.

Em 25 de novembro de 1852, pela lei n.º 248, a Assembléia Provincial decretou a desapropriação das terras em que está hoje a cidade de Santa Cruz. Pertenciam elas, então, ao barão de Cambahy, Antonio Martins da Cruz Jobim, que as houvera por compra, e a quem foram indenizadas por Cr\$ 4.743,80.

Quanto à chegada dos colonos alemães à região, os elementos históricos levam à convicção de que ela se deu em 19 de dezembro de 1849.

Essa é a data consignada por J. Bittencourt de Menezes na monografia "Município de Santa Cruz", pág. 8; por Hemeterio Velloso da Silveira em "As missões orientaes", pág. 668; por Octavio Augusto de Faria, em "Dicionário Geográfico, Histórico e Estatístico do Rio Grande do Sul", por Ernesto Pellanda, em "A colonização germânica no Rio G. do Sul", pág. 77, sendo que o último autor alude a um cadástro, que teria examinado, e de que constariam a data como ainda os nomes dos primeiros colonos, que transcreve.

O ano de 1849, embora sem indicação de dia e mês, é o que consta da obra "O Brasil — Colonização e Emigração", de A. de Carvalho, edição de 1876, pág. 145.

pintar o trilho do volátil, a endeixa saudosa do arroio argentino, o cochichar da viração nas grenhas da floresta, as vozes das cachoeiras pela escarpa fragosa dos montes, o surdo balir das aguas que rolão na profundeza dos algares seculares, o ulular das fêras que vão retirando-e aos recantos de lobregas cavernas, o borbotão de luzes, a sombra, a fragrança campesina, o indefinito colorido da natureza selvagem e o cariz do firmamento. E depois como trazer as peripecias que se succedem debaixo do pavilhão de rama e trepadeiras?

Era uma das mais fulgidas manhãs sob o equador a que dourava Subupira no dia crástino ao ataque da fazenda de Pero Lopes.

Tudo louçania, risos e flôres!

E que donaíre nas fórmias singelas do Grande-Mocambo!

Esta povoação tinha mais de uma legua de circuito, com tres ruas, cada uma com um quarto de legua pouco mais ou menos, sendo as habitações contiguas, cujo fundo terminava geralmente por um quintal ou jardim.

Acrescenta Ayres Cazula que em murada com duas ordens de estacadas de troncos grossos, altos, dos mais rijos e duraveis que se conhecião no paiz e falcados em quatro faces; com tres portas fortissimas em distancias iguaes, cada uma com sua plataforma por cima e defendida por duzentos homens em tempo de trega: e todo flanqueado de varios baluartes da mesma fabrica dos muros.

"Havia dentro da praça um grande tanque d'agua doce e piscoso, e um rochedo alto que lhes servia de atalaia, d'onde descobrião em torno grande extensão, e podião observar os aproches do inimigo. Os suburbios erão cheios de plantações de viveres, para cuja guarda havião varias aldeias chamadas mocambos e governadas por soldados veteranos."

Eis a capital da phenomenol e sympathica republica. Assim circumdada de fortificações, bem formada de recursos vitaes, ninguém se isentará de reconhecer engenho e antevidencia em seus fundadores. Como que um receio precursor a grandes calamidades lhes fallára alto e bom som, no meio de tantos dias prosperos, descortinando-lhes enublados os horisontes do porvir, onde em traços de fogo porventura se insculpia um presagio fatal a seu desenvolvimento.

E' que a alma muitas vezes devora longas distancias, embora se recoste calma e leda na mesa dos festins.

(Continúa)

LYRIOS D'ALMA

I

Bernardo de Medeiros era um dos mais ricos proprietários da cidade de Nictheroy.

Cedo morrerão-lhe os pais, deixando-o na posse de uma optima fortuna.

Era moço, e desde então começou a ter entrada nos salões esplendidos dos ricos, e assento na mesa dos titulares.

Pensou em estudar. Não era tarde para fazel-o, mas Medeiros não nascera para queimar as pestanas sobre as paginas dos livros.

O dinheiro trouxe-lhe ambições; o seu desejo foi figurar nos primeiros cargos e apparecer em qualquer parte onde podesse dar mostras da sua opulencia.

Alliou-se ao partido então dominante. Se não prestava serviços concorrendo com a sua intelligencia para demonstrar ao povo a grandeza das idéas que abraçára, abria a sua bolsa para **chamar ás urnas** os mercadores de votos.

D'este modo Bernardo de Medeiros foi **eleito** deputado provincial, e depois **representante da nação na camara temporaria.**

A sua posição n'essas assembléas foi a que se póde imaginar; de vez em quando dava um apoiado aos discursos dos seus companheiros de partido, e chamado pela opposição a justificar a sua approvação, declarava a medo que nada mais era possivel accrescentar.

As folhas da opposição tomarão-n'o a sua conta, e todos os dias annunciavão que o Sr. Medeiros occuparia a tribuna sobre gravissimos assumptos de interesse palpitante para o paiz, recitando um discurso que os collegas tinham preparado.

O homem zangou-se; conheceu que errára a vocação, e recolheu-se ao silencio.

As novas eleições encontrarão-n'o disposto a fugir á laboriosa vida politica, e a não dar ceitel para comprar consciencias.

Pensou em casar. O isolamento assustava-o; as caricias de uma esposa, o amor dos filhos, dar-lhe-hião placidez para o espirito e uma felicidade indefinivel.

Medeiros encontrara um embaraço para realisar a sua nova idéa; corrião no publico certos boatos sobre a solidez da sua fortuna, e não sem algum fundamento. Era preciso para reparar os claros que a politica abrira nos seus cabedaes, escolher a noiva d'entre as que figuravão na sociedade **pela fortuna.**

Estas conquistas não são faceis de realisar. A' procura de um casamento vantajoso, afadigava-se Medeiros, e consumia-se de tedio na solidão do seu viver.

II

Lembrou-se Medeiros de chamar á sua companhia um, seu afillado que até então lhe não dera cuidado.

O pai d'essa criança, pouco antes de expirar, entregou-a a seu padrinho para que a educasse convenientemente; consentindo no en-

tanto em que ella estivesse até os 7 annos em companhia de sua mãe. Medeiros entretinha-se a ensinar as primeiras lições ao pequeno Arthur e a contar-lhe historias.

O menino foi gradualmente desenvolvendo-se, e mostrava excellentes disposições para as letras.

Todo o seu prazer era ler bons livros que o seu protector lhe dava, pedir explicações sobre as difficuldades que encontrava, e ouvir a narração de contos interessantes e instructivos.

O menino, que além de pardo, nascera pobre, via-se agora rodeado de tudo quanto appetecia, feliz no meio dos seus livros e na convivencia de seu padrinho.

Os bem intencionados louvavão a generosidade de Medeiros que despendia o seu dinheiro na instrucção do que adoptára como filho; outros lamentavão que a mania do politico infeliz dêsse para erguer do lodo quem devia ser sempre pequeno.

Ainda ha infelizmente quem pense que o pardo não tem direito de saber o que é dado a outros aprender, e que o principio de igualdade proclamado pelo martyr do Golgotha não está nas conveniencias sociaes.

Habilitado dentro em poucos annos Arthur de Medeiros nos preparatorios, seu padrinho, depois de consultal-o, fel-o seguir para S. Paulo a matricular-se na respectiva faculdade.

O Sr. Bernardo Medeiros passára 11 annos sem tratar mais do casamento. A educação do seu protegido o absorvêra totalmente. A consciencia dizia-lhe que fizera uma boa acção, cumprindo nobremente o mandato que lhe confiára o seu finado compadre, ao entregar a alma ao Omnipotente.

III.

Tendo seguido Arthur par S. Paulo, ahi vemos de novo Medeiros triste e preocupado.

D'esta vez duas grandes dôres lhe consumião o peito: a da saudade e a do isolamento.

O pobre homem reconheceu-se impotente para resistir com vantagem á lucta que lhe ia n'alma, e decidiu-se a proscrever o celibato.

Não indagou se era rica ou não: fallou á primeira mulher que encontrou e ajustou o enlace.

Belmira era uma moça do povo, que, o que lhe faltava em fortuna, supria em virtude e altos dotes do coração. Meiga e compasiva, todos lhe dedicavão sincero affecto.

Não faltou quem dissesse ao ouvido de Medeiros que o mundo censuraria muito que um homem de bom nome e regular fortuna, com quanto já muito reduzida, fosse unir seus destinos a uma plebéa sem titulos quaesquer a semelhante honra.

Medeiros foi, porém, inflexivel a todas as seducções, a todos os conselhos de maus amigos, e realisou o seu casamento, sem pompa, sem sciencia dos que o frequentavão.

Fructo d'este enlace nasceu uma bella menina, que era o idolo querido dos seus pais.

Medeiros julgava-se o mais feliz dos mortaes: de um lado a esposa carinhosa, que lhe pagava em affecto, o que lhe julgava dever pelo casamento; do outro a loura menina a sorrir-lhe com esse riso dôce dos seus; do outro ainda as extensas cartas de Arthur, dando-lhe conta dos seus progressos e da fama que ia creando pelos seus trabalhos na imprensa, — que mais era preciso para completar a felicidade?

No entanto as suas alegrias devião ser passageiras; a Providencia

lhe reservava uma grande dôr, que devia ser o seu martyrio, e o germen de fatal molestia.

Belmira amanheceu um dia triste e abatida; tanto bastou para que a inquietação e o desespero entrassem na morada da alegria.

Tudo quanto possuo pela sua salvação — repetia o pobre homem aos medicos chamados para tratar de sua esposa. — Infelizmente, foi em vão. Nem a sciencia, nem os cuidados de que a cercarão, poderão prolongar o fio d'aquella preciosa existencia.

Belmira deixou a terra e alou-se á morada eterna. Compungia ver os tenros gritos da orphãzinha chamando por sua mãe, — as lagrimas do desolado esposo abraçado ao gelido cadaver da companheira dos seus destinos.

Não ha phrases que descrevão fielmente a dôr de um marido quando vê perdidas para sempre as esperanças doiradas que lhe luzirão na mente, desfeitos os sonhos de um futuro delicioso na quietude do lar, pela inflexibilidade das leis do alto.

IV.

Fôra mortal o golpe no coração de Bernardo de Medeiros. A molestia foi bem depressa consumindo-lhe as forças, até prostral-o no leito.

A' custo escreveu elle a seguinte carta:

“Meu caro Arthur.

Dores ha que ferem tão fundo, que produzem a morte. Soffri uma d'essas, e sinto que não poderei ir longe. Morrer quando se tem uma filha de menor idade para educar, deixal-a só na terra, sem um parente que a ampare, é doloroso; mas por outro lado eu sinto que uma força invisivel me chama para o tumulo, e eu quero morrer. Estás formado, e penso que nenhuma ligação te prendem á essa terra. Vem pois dar-me o ultimo abraço, e ouvir as minhas ultimas disposições. Deus não me tirará a vida sem que eu te tenha apretado ao meu peito e te confiado um sagrado deposito.

Teu do coração,

B. Medeiros da Silva.”

Arthur e a carta desencontrarão-se; pouco depois de expedida esta, chegava aquelle a Nictheroy.

Tivera noticia de que o seu bemfeitor estava ás portas da morte, e não quiz deixar de vir agradecer-lhe os beneficios de que o enchêra, assegurando o seu futuro, dando-lhe uma posição elevada na sociedade.

Habilitava-se para defender uma these, depois de ter recebido o diploma de bacharel; mas á fatal noticia, tudo esqueceu para só lembrar-se de que a algumas leguas um homem ia morrer a força de desgostos, e que esse homem era seu segundo pai, que não se poupára a despezas e esforços para elevá-lo.

Como não foi enternecedor o abraço de ambos!

V.

Passada a primeira emoção, Bernardo declarou ao Dr. Arthur que lhe confiava sua filha. Havia alguns annos que elle tomara a si uma criança orphã, velando pela sua educação como se fôra parte do seu sangue; agora pedia ao que se fizera homem o mesmo incessante cui-

dado pela innocente Adelia, orphã de mãe, e dentro em breve de pai.

O doutor assegurou-lhe que ficasse tranquillo; empregaria todo o esforço por que nada faltasse para tornal-a feliz sobre a terra.

Não era uma promessa vã; a occasião era solemne, e quem a fazia tinha motivos para não mentir á voz da consciencia.

Bernardo, entre um riso para os que o cercavão e uma prece a Deus — *a vós encommendo a minh'alma*, — exhalou o derradelro suspiro.

São passados dois annos depois da morte de Bernardo Medeiros.

Pelo seu testamento, o restante da sua fortuna, pagas as dividas, devia ser dividido entre sua filha e seu afillhado.

O Dr. Arthur, tendo conseguido uma vantajosa reputação, apesar da inveja dos pequenos zoilos, advoga na côrte com excellente exito.

Adelia foi confiada aos cuidados de uma virtuosa professora, que se occupa na dupla e agradável missão de formar-lhe o coração e illustrar-lhe o espirito:

O Dr. visita-a todas as semanas, procurando não faltar aos compromissos contrahidos.

Não abundão os exemplos de gratidão aos beneficios recebidos na primeira quadra da vida, para que prescindissemos de narrar o que fica escripto.

Aurelio de Bittencourt.

CARLOTA

— Não chores, Carlota, em breve ter-me-has em teus braços.
— O pranto é um allivio, Leonel.
— A mocidade só deve ter risos.
— Aquelles que nascerão felizes, mas eu fui sempre infeliz, e agora em tua partida não sei o que de triste me presagia o coração ;ha em minha alma, como uma voz intima, que diz-me que não te verei mais.
— Oh não creias!... Deus vela sobre os desgraçados, e não quererá implantar a morte, onde existe a serenidade de duas almas apuradas no caminho do amor.

— Tu não sabes, Leonel, que desde o berço má estrella me acompanha e só se extinguirá do meu céu nevoento na noite do sepulchro?

— Julgas-te infeliz, Carlota?

Disse-lhe Leonel estreitando-a ao peito, incendida a fronte no rescaldo febril do amor.

— Não como julgava em meus scismares antes de te ver, de sentir por ti este sentimento que me arrebatava contigo para um mundo, que a minha imaginação idealisa, dando-me por instantes, enquanto me entrego a estas abstracções, a ausencia do soffrimento ao coração.

— Sim, fostes tu, Leonel, que trouxeste ás solidões de minha alma despovoada de affeições e de risos, e só nutrindo o desalento e prantos, uma restea de esperança, um vinculo sacrosanto de amor e amizade.

— E ainda julgas-te infeliz, se aninhas em teus seios, se cinges em tua fronte esta triplice aureola de sentimentos?

— Sim, tens razão Leonel, é esta trindade de sentimentos que me faz crer no presente, esquecer o passado e ter fé no futuro.

Passados alguns momentos depois d'este dialogo, Leonel retirára-se deixando Carlota lavada em copioso pranto.

Leonel era alferes de um batalhão de infantaria, e tendo sido nomeado commandante do destacamento de Rio Pardo, foi surdo e cego aos soluços e lagrimas de Carlota, ouvindo unicamente as ordens superiores, que sem piedade o arastavão para longe de sua Julieta.

*
* *
*

Dois mezes são decorridos. Carlota vivia triste, nem mais um sorriso buscava asylo á flor de seus labios, desbotados agora ao fogo de suas lagrimas ungidas de absintho.

Até esta época nenhuma só carta recebera de Leonel, nem uma só noticia. Quantas noites de insomnias embebidas na contemplação do retrato de seu amante não passou Carlota?!... Quantas!

Ella que o amava devotadamente com todo o enthusiasmo e delirio do primeiro amor, ella que não conhecia outra doce affeição sobre a terra que não se resumisse n'elle!...

Filha do crime, de um ventre desnaturado, encontrou na religião a sua verdadeira mãe.

Sem os carinhos paternos, sem uma só devotação a não ser a da religião, Carlota votára-se inteiramente, como quem sente pulsar o

coração aos vinte annos, cheio de fé e de crenças ao culto d'esse amor, esquecendo em seu frenesi uma funda tristeza que desde a meninice povoava suas scismas innocentes.

Leonel que trazia ennastrados em sua fronte os laureis de poeta, e mais infeliz talvez do que ella, occultando sob a pallidez de seu rosto o carinho de mil tormentos, a adorava ou por encontrar n'ella uma irmã de amarguras, ou porque Carlota era realmente bella, como a visão que elle sonhára ao despontar-lhe a aurora da adolescencia.

* * *

E' de tarde, o sol doira apenas o cabeça dos montes, reflectindo-se levemente sobre as agoas dormentes do Guahyba, onde branqueijão as velas de uma ou outra canôa de pescadores.

Carlota ternamente fita os céos, rebentando entre os negros cilios uma ou outra perola roubada sem sentir á santidade de sua dor. Em que pensaria ella? Em que pensamento profundo amergia Carlota sua fronte descorada, sem as rosas do verdor dos annos, amarellecida em noites de vigílias continuas?!...

Ha n'este espaço que decorre do pôr do sol á noite, um quê de indefinivel tristeza, que nos sensibilisa e entristece, arrebatando-nos a alma ás regiões ethereas do sentimentalismo.

Emquanto Carlota embebia-se nos paineis tristonhos que a natureza descerrava aos seus olhos, uma de suas mestras lhe trouxera uma carta.

Carlota ao receber sentiu um tremor convulsivo, seu seio offegante palpitava sob a branca escumilha que lhe deixava ver aquellas fórmãs divinas, mais arebatadoras do que as de Antiope de Ingres. Ao conhecer a letra quiz sufocar com sua mão delicada a effervescencia de seu collo, seu semblante tornou-se pallido como a açucena: que o sol canicular sorveu-lhe a seiva e o matiz das petalas.

Ao ler a carta um grito de dor arrancado do intimo d'alma povoou a mudez de seu domicilio, cahindo de joelhos com as mãos erguidas para o céu, e soltando de seus olhos dois fios de lagrimas.

Leonel já não existia, a carta fôra escripta momentos antes de expirar, quando sua alma abençoava o mundo por ainda possuir Carlota, e os céos por ir gozar a suprema felicidade.

Como não soffreu aquelle coração na hora extrema sem os affagos da familia, e orphão dos carinhos de um anjo que lhe amenisára sua curta existencia sobre a terra?!...

Leonel soffria do peito, uma das razões que lhe obstava de já se haver casado com Carlota; coração nobre e não deixando-se arrastar pelo tufão das paixões, preferiu sempre soffreal-as que sacrificar o resto de sua vida, a felicidade, o porvir de um anjo que o amava devotadamente.

Leonel julgando melhorar de seu incommodo, partira quasi com a convicção de voltar restabelecido d'elle; porém não calculou antes de sua partida nos subtis espinhos da saudade — planta bemdita que tem por orvalho — as lagrimas do coração purificadas em nossas scismas, derramadas em nossas dôres, como um balsamo santo sobre sangrenta ferida.

A estrella oscillante que pallidejava na extrema dos céos nevoentos de Carlota, apagára para sempre sob medonho negrume.

* * *

Um mez ha decorrido depois dos ultimos acontecimentos.

Por entre as cortinas de seu leito dormita uma mulher livida como

uma estatua, como Venus de Cnide cinzelada pela mão inspirada de Praxiteles. Ella dorme e sorri.

N'este sanctuario onde a innocencia repousa, penetra um homem com a fronte nevada pelos annos, tendo sobre as faces fundas rugas mais aprofundadas pelo soffrimento e pelo estudo do que pela idade. Elle abriu as cortinas; era Carlota que ahi estava prostrada pela morte de Leonel.

Seus cabellos da côr da flôr do myrtho davão mais realce ao pallor de seu rosto; seus seios estavam nús, sem uma renda sequer que os cobrisse, talvez devido ao desassocego da febre. O pintor Grego não preferiria de certo para modelo de suas virgens os seios de Lais aos de Carlota. Passados alguns instantes acordou-se.

— Então doutor, não me acha melhor?

— Como sempre esperei vir encontral-a hoje.

Vai melhor da febre, tornou o medico examinando attentamente as pulsações de seu pulso.

— A febre é a vida, doutor.

— Não creia.

— Olhe... para mim é... nos delirios vem-me todas as scenas do passado, que nunca mais poderei gozar senão no céu... oiço a voz d'elle... esta noite elle veio ter commigo... eu o vi ajoelhado beijando-me as mãos... o fogo de seus labios extinguiu-se, havia n'elles a neve em vez d'aquella pyra que ainda senti no beijo de despedida que elle imprimira em minha fronte ao abraçar-me pela ultima vez.

— Tudo isto é a febre, disse o medico completamente absorto, como que consultando os mais reservados segredos de sua sciencia.

— Doutor, eu lhe peço que não apague de meu corpo a febre, deixe que ella me acompanhe ao tumulo.

— Em breve estareis boa...

— Boa!... Eu tenho a morte aqui, disse Carlota levando a mão ao coração.

— A doença não é tão grave...

— A ferida foi funda demais, doutor.

— Tenho fé em Deus, que elle não abandona os seus anjos, lhe disse o medico estendendo-lhe a mão.

— Adeus, meu bom doutor.

— Adeus.

Ao descer a escada o medico levou aos olhos o lenço para enchugar duas lagrimas que lhe humedecerão as palpebras.

Carlota conservava-se na mesma attitudo em que o medico a deixára, contemplando por uma janella entre-aberta a immensidade dos céus.

A noite approxima-se e Carlota cerrava as palpebras sob as azas de Morpheu como o cacto ao pôr do sol retrahindo suas folhas.

* * *

Carlota, devido aos recursos da sciencia, depois de um mez e tanto de continua febre pôde erguer-se do leito, de que ella julgára nunca mais levantar-se.

Porém, ella soffria; na pallidez de sua face, sem aquelle brilho da mocidade que se ama e divinisa-se, havia já talvez o bafo gélido da morte.

Ha corações que nascem para o soffrimento e para os quaes a felicidade mundana não é mais que um sonho, uma miragem creada em suas scismas e nutrida de amargoso pranto.

Carlota tinha um d'esses corações; no céu nublado de sua exis-

tencia, a felicidade passára mais rapida que um meteóro nos espaços na serenidade das noites do estio.

Isolada do mundo, na mudez de seu santuario, humedecidas as faces n'um prantear continuo, repassado das fezes de um lutar incessante — sua vida cifrava-se agora nas lembranças do passado, n'aquelles doces philtros de um amor terno e innocente, como o de Croco e Smilax.

Funda tristeza transparecia em seus olhos, outr'ora cheios de vivacidade; suas palavras arrancadas do isolamento de seu peito, exprimião notas abemoladas como uma harpa desferida em noite de luar aos beijos da viração, e cadenciadas aos gemidos dos salgueiros implantados no chão dos mortos, como dizendo aos vivos — estes são os marcos divisorios entre o mundo e os campos elysios.

*
* *

Ha um anno que a voz de Leonel para sempre emmudecera em seus labios; ha um anno que a esperança extinguiu-se do coração de Carlota, como um cyrio nos umbraes de uma sepultura á uma rajada em noite tempestuosa.

O mundo, a ventura, para ella desapparecerão sob a lage tumular de seu amante.

Nada mais lhe restava sobre a terra, nem uma illusão sequer se aninhava agora em seus languidos scismares, onde outr'ora sua alma se expandia sob as azas doiradas do amor e da esperança.

Pobre menina! Tão moça e sentindo nas veias de seus seios o gelo da morte infiltrado em noites de insomnias, em noites de amargurado pranto!

*
* *

Que voz é aquella, plangente, repassada de angustia, vibrada pela corda mais funda do coração, como um harpejo do instrumento de Paganini, que se faz ouvir nos côros matinaes e ao anoitecer na saudação angelica entre as paredes do Carmo?!

Cada accento d'aquella voz é um grito dorido coado em rythmo e harmonia, como um gemido saturado de agonia entre as notas de um órgão em deserto templo...

Essa voz eu a conheço... E' Carlota que cantando chora, como Malvina das tradições dos céus nublados da Escossia descantando sob a impressão da morte de Oscar, seu amante, aos accentos divinos da lyra de Ossian.

Carlota que definhava de dia em dia, que sentia a morte esvoaçar através as brancas cortinas de seu leito, sem mais um outro élo que a prendesse ao mundo, vendo esvaecidas todas as esperanças desbrochadas ás auras do amor, julgando a felicidade terrena como um sonho, trocára a vida do mundo pela solidão de um claustro como Heloisa de Abelard, despresando as galas, a opulencia e vindo sepultar-se para sempre no convento Argentenil, victima de um amor infeliz.

A mulher que na flor dos annos abandona o mundo, suffocando na amphora de sua alma os turbilhões de prazer, brotados ao sol ardente da adolescencia — é porque negra ulcera 'lhe envenena os seios, sentindo o acerbo espinho da descrença ferir-lhe o coração.

Carlota affastando-se do bulicio social, ia buscar na religião o balsamo ás suas magoas.

Um anno ha decorrido que Carlota viera habitar o convento do Carmo.

São dez horas da noite; a ultima badalada ha pouco havia soado solenne e grave na amplidão.

Junto ao leito de Carlota um sacerdote firme, immovel, como aquelle velho senador romano da invasão gauleza, lê um livro attentamente.

Na céla reina profundo silencio, ouvindo-se distinctamente as oscillações de um relógio, assestado n'uma das paredes.

De repente Carlota agita-se no leito, o sacerdote ergue a fronte, que a corôa da velhice cingia, e' seus olhos buscão os da moribunda.

— O que desejas, filha?

— Tenho sede, muita sede.

— O medico privou-lhe de beber agua, filha?

— E' augmentarem o meu tormento; dêem-me agua, eu sei que morro, é questão de momentos.

O sacerdote baixou os olhos sem responder.

O silencio de novo abriu suas azas n'aquelle recinto.

— Padre, tornou ella, alcance-me aquelle crucifixo, quero morrer abraçada á elle.

O sacerdote entregou a imagem do Redemptor á moribunda e sentou-se com os olhos fitos n'aquelle anjo, que batia as azas para transpor as regiões sidéreas.

Ó, disse ella, não sei o que sinto, nada soffro... nada, meu bom padre...

Ó, meu Deus, deixai-me respirar...

Ella estendeu a mão ao sacerdote que apertou-a entre as suas...

Carlota estava morta.

Achylles P. A.

PARTIDA

Sim! eu li, Dalia, os teus versos,
Me orgulhei de teu talento,
Perfumes e sentimento
Imagens de tanta dôr!...
Mas ah! que é tarde, querida,
Cumpro as leis do fado iroso,
Vou partir... pois é forçoso,
Deixo a alma e deixo amor!...

Ai meus tempos de ventura,
Paz, amor e poesia,
Vou tudo perder n'um dia,
No dia em que te perder!
Que a vida é como tu dizes:
Não passa nunca de um sonho,
Um dia bello e risonho —
Depois... tristeza e soffrer!...

Como era bello esse sonho!
E como elle é bello ainda
Se te vejo sempre linda,
Triste, sim, mas me sorrir!...
Oh! do tempo qu'inda resta
Até o ultimo instante,
Eu quero — poeta — amante —
Viver n'elle a me illudir!...

E adeus, oh! noites felizes
Em que eu affrontava ufano
A tormenta, o minuano,
Para estar junto de ti!
Adeus, oh! tardes de nacar
Em que eu te via formosa,
Fresca, linda como a rosa,
Mundano ideal da hury!

Mas não chores, inda é cedo,
Nivea garcinha de amores,
Já vai abrindo das flores,
Na primavera o botão;
As andorinhas já voltão,
E o céu tem nuvens de prata...
Não chores — olha na matta
Já as aves trinando estão...

Não chores; canta — na fronte
Tens o dom de poetisa,
Canta' amor e pede á brisa
Que te dê suspiros meus:
E nas nuvens e nas auras,
Na rolinha que suspira...
— Na saudade — sim — te inspira
Em mim, em ti e em Deus.

E amanhã quando eu fôr ido...
Olha os céus e pede a lua
Que me leve a imagem tua
Ao meu desterro de lá;
E quando as aves no inverno
P'ra o norte alçarem adejo,
Oh! então manda-me um beijo
Nas azas de um sabiá.

Relê depois estes versos
E roreja-os com teu pranto,
Traduzindo este meu canto
Na dulia de um serafim...
Mas se acaso por tua mente
Passar de um outro a miragem,
Ai! não percas minha imagem
Ai não te esqueças de mim!...

Adeus! amante adorada,
Acabou-se o nosso sonho,
Vou viver triste, enfadonho,
Porque sem ti vou viver;
Ai! Dalia, de ti tão longe
N'essa afanosa cidade,
Eu — n'ausencia e na saudade,
Que farei? irei morrer. (*)

Porto Alegre — 186...

F. Antunes F. da Luz.

(*) Verso de Gonzaga.

O CELIBATO

EPISTOLA IV

Infatigavel vejo na estacada
O meu tão caro Pylades, mas lesto
Esquivando-se aos golpes que lhe atiro.

Recursos não lhe faltão, seu engenho
Profusos os ministra a seu talante.
Se eu hoje fôr vencido lhe prometto
Que nunca mais o gladio da verdade
Me encontrará vibrando em outra arena.

Refugium peccatorum, acredito,
São esses teus peccados de que fallas!
Deixar de rir não pude em caso sério,
Mas tens tal seriedade que conter-me
Não foi possível, ri e ri deveras!...

Dizes que Adão legou-nos um peccado
Antigo como o mundo, como os seculos:
Original o chamas, certamente
Porque d'elle descende a nossa especie.
Ab Jove! o não conheço como o pintão.

Eva trazes á téla, como autora
Do crime abominavel que condemna
Uma progenie toda á penas cruas;
Mas o comer o fructo da sciencia,
Eu creio em nossa mãe não foi máo gosto.
Antes hoje outras muitas a imitassem
Que menos ignorancia tinha o mundo,
E os filhos, como nós e tantos outros
Sahirião do berço armando pleitos,
Manejando algarismos e compassos,
E em subidas materias discutindo.
Em quanto ao demo — genio da maldade,
Que da serpente a pelle revestira,
Juro que o não vi por vida minha,
“**Non video, non crederam**” disse um santo,
E eu em estranho caso o sigo á letra.

Não me dirás do assumpto já que trata
Por que zonas s'estende o Paraizo?
Se é certo que demora junto ás terras
De Fohi e de Confucio ou é o reino
Do famoso Cibango que refere
O errante Marco Polo...

Eis d'uma duvida
Que eu quero me tirasses. Mas severo
Parece que estou vendo o meu amigo
Reluctar na leitura d'essa epistola.
Que queres pois que eu faça? Que eu consinta
E aceite o juizo erroneo tu desejas?

Os filhos onde vimos pelos crimes
De seus pais responderem no presente?
Foi doutrina transacta, eu sei, amigo,
Quando pela tragedia de Solyma
Israbel, nos dizião, vagueava,
Sem patria das nações escarnecidas;
Quando do despotismo o braço fero,
Destacava impedindo a liberdade
Nos cimeiros adejos do progresso,
Os tectos arrazando furibundo,
Salgando os campos — palco de homens livres;
Quando golfava o throno de S. Pedro
Chuvvas de excommunhões e de exorcismos
Sobre a misera e triste humanidade;
Mas a razão repelle tal doutrina
Que innocentes arrasta ao cadafalso;
A justiça nos erros não repousa,
Principio de moral, direito egregio
Do empyreo emanados não se calcão.

Innocente Terceiro em raiva acceso
Póde matar a prole dos Catharos,
Póde o bronze soar de São Germano,
De Coligny, Caumont e Ferrières
Ordenando execrando assassinato,
Póde um Borgia reinar em mar de sangue
De incésto e de ignominia tendo ao lado
Infame Machiavello que o defenda,
Póde o Escurial erguer-se carrancudo,
E nos autos — de fé — o Santo Officio
Insonte gente inerme nas fogueiras
Sem piedade arrojear, mas resta a historia
— Areopago de arestos implacaveis,
E do genero humano a consciencia
Que não perecerá mercê de algozes.
Se as leis da terra os filhos não condemnão
Como crês que a causa do Universo
— Um Deos de bondade e de doçura
Inferior aos homens se pareça?

Como irás expiar um vão delicto,
Crime que não é teu, e que apanhamos
Da traducção nas ondas quasi mortas
Qual ambar que na praia o mar atira
E buscamos a fonte inutilmente?

Dizes que a morte, os males nos vierão
Da falta que Adão e Eva commetterão:
Que creias convencido em taes sandices
Não creio, não concebo, ás veras fallo.

Se outra vida antes d'esta nós tivemos,
Se fomos cherubins, prompto aceito;
Mas não com essas formas e esse corpo
Nos climas do planeta que habitamos.

A planta que viceja na floresta,
A alimaria que pasce na campina,
A ave que o céu azul percorre alada,
O insecto que nas folhas tem seu mundo,
O peixe que nas aguas nasce e vive,
Não os vemos morrer? E tem acaso
Peccado original por que respondão
Nos dias do presente?

Não pretendas
Com frivolos sophismas perturbar-me,
Que nullo intento fôra; o céu m'escuda;
A verdade defendo e seus direitos.
Dizes mais que te pezão mil remorsos,
Que mil magoas afligem-te incessante.

Quem falla não sou eu, ouve: é Christo.

Não nasce a luz de si, o sol não faz-se
E a terra não viveu dos tempos antes;
Os fizeram, se vivem. Quem creou-os?
Aquelle que no amor resume tudo,
Que o nada vivifica n'um seu gesto,
Cuja voz aniquilla, extingue mundos,
Cuja mão concedeu-te os bens que gozas.
Adoras a teu Deus?

Sim, lhe respondes.

A mulher deu-te á luz, és fructo d'ella
Seu seio saciou-te a fome, a sêde,
Bebeste nos seus olhos ternos raios
E em sua voz a crença que sublima;
E o varão deu-te a sombra, e o sol ardia
E chegou seu braço ao teu, e em pé t'ergueste,
Andavas nú, lançou-te ao hombro a tunica
E depois teu espirito alentara
A senda te mostrando d'este mundo.
Honraste-os na velhice, foste sempre
A gloria de teus pais?

Sim, tu respondes.

Filhos, eu te digo, todos os homens
D'aquelle que os creara, tanto os ama,
Do pai da natureza, pai bondoso,
D'aquelle cujo amor estreita o mundo
E não castiga os Africanos incolas
Por seu Deus adorarem no fetiche,
Porque a Vichnou e Siva curvem outros
Em Allah muitos creião, sigão muitos
De Budha e de Moysés, as leis escriptas
E um Tupan tonante a ponte dobrem;
Porque questão de nomes nada vale,
Vale a crença-fanal do sentimento,
Lume que o coração na voz, no gesto
Copioso irradia, intenso inflamma.
Tu amas teus irmãos?

Sim, lhe respondes.

A Naboth extorquiste os lindos cachos
Orgulhando o vergel?

Não, tornas inda.

De teu irmão o sangue derramaste,
— Caim mataste Abel?

Não, o repetes.

Sua mulher cubiças? Nunca foste
De Urias assaltar o santo thalamo
Como David o fez?

Nunca, respondes.

Teu corpo nos excessos se apascenta?
Teu coração conserva más sementes
Que produzem o mal?

Porque emmudeces?

Ah! Teu peccado, amigo, está nos erros
Que professas agora com soberba!
Na pugna em que uma lança forte vibra
Em prol do celibato! Não nas eras
Onde em commum passamos dôce vida.

Estou cansado, a noite se adianta,
Mas ante-ponho o fecho, escuta ainda:

Jezus se retirando e seus discipulos
A tarde de Bethania e vendo ao longe
Frondifera figueira, a ella forão;
Porém só folhas tinha, nem um fructo
E disse então Jezus: Ninguem teus figos
Jámais na terra os coma.

E a aurora crástina

A figueira encontrou mirrhada e sêcca.

.....
O padre é a figueira sem ter fructos?

Appollinario P. A.

A AURORA

Eu amo a aurora dos vergeis do sul
Que a flor desbrocha d'infantis amores,
Meigo poema de harmonias cheio
Na linda tela de mimosas cores.

N'um meio riso de fulgente aurora
Abre-se um mundo de gentil poesia,
Exhalão as flores mais perfumes, vida,
E a natureza mais descanta um dia.

O lyrio murcho, que no hastil pendêra,
Ao grato orvalho reverdece então,
E a harpa eolia, que dedilha a brisa,
Traduz-se em notas de febril paixão.

Cobre-se o prado de roupagem alva
Da laranjeira nas esparsas flores,
A selva em galas a sorrir florida
Tambem desperta a resfolgar de amores.

Veloz serpêa na montanha a fonte
Que o sol nascendo vem languil fitar-se,
E a branca espuma de christaleos flocos
Convida ao cysne para vir banhar-se.

Ha tanta vida n'essa voz suave
Que falla ao mundo no volver da aurora,
Que a fé renasce com meiguice n'alma
Vibrando ao peito doce amor d'outr'ora.

Eu amo a aurora dos vergeis do sul
Que a flor desbrocha d'anfantis amores,
Meigo poema de harmonias cheio
Na linda tela de mimosas cores.

Porto Alegre. Novembro.

Appelles P. A.

A VIDA

(FRAGMENTOS DE UM POEMA INEDITO)

I.

Levanta o albor da vida, e o caminheiro
Lá segue pela estrada;
Deixa no berço o marco da partida,
Cumprir vai seu destino.
Ao principio são risos de esperanças,
Prazer, e dôce enleio...
Contempla o céu sorrindo na bonança,
No brilho das estrellas;
O sol, a natureza e o mundo inteiro
Promettem o impossível!
Eterna primavera lhe convida
Na amplidão virente,
O colhido perfume ás brancas flôres,
O mel colhido n'ellas.
Pulsa o peito infantil impaciente
Chegar á raia extrema;
Estende a curta vista no horizonte,
O fim é já tão perto!...
Os passos accelera; na passagem
Sacode o pó da estrada,
E caminha, caminha sem descanso,
Com fé mais pura n'alma!
Lança outra vez a vista no poente,
O engodo é sempre bello!
Tudo esquece; e no pensar, na ideia
Só tem almo conforto.

Que sonhos de prazer n'alma alimenta
Em turbilhão de risos,
Na debil nuvem que o rever alcança
Julgando o Parayso?!
Vem augmentar-lhe o calor das veias
O facho dos estios;
Passa a mão pela face empoeirada,
Sente o fogo da febre;
Lavada de suor a fronte ardente,
Lateja em descompasso!
Enlanguce um instante ;o sonho volve;
Vê tudo por um prisma!
Não lhe foge o anhello lisongeiro,
Oh! não lhe foge ainda,
Mas sente a dôr nas plantas laceradas,
Começo de um tormento.
Para que a carreira permanente
Na tão longa jornada,
Sem contemplar do céu a immensidade
Miragem de bellezas?
Para que fatigar-se... a felicidade
Parece ali tão perto!...

II.

A esperança siderea inda o confórta
Entre mil resplendores,
A noite de luar suavisa o sangue
Que pulsa nas arterias,
Os cirios, que nos ares pallidecem,
O fazem meditar.
Mas augmenta-se a dôr, nas chagas feitas
Dos cardos pela estrada,
Nas horas em que o sol em pino aquece
A poeira dos trilhos,
Quando pende no hastil a branca rosa,
E calão-se os insectos.

Só elle! Eil-o que segue pela senda
Juncada de desvios!
Mas inda assim prosegue, inda tem risos,
A's crenças do futuro.
E' poeta; na mente afogueada
Quantas visões de amores?
Quantos sonhos ficticios de esperança
Lembrados n'uma noite?!
E vai um apóz outro se apagando
Como as estrellas d'alva,
E vai um após outro dentro d'alma
Nascendo e refulgindo.
Soluça, treme... vem após um riso,
E sem cessar descanta!
São fragmentos de um sonho lisongeiro
Que não quer esquecer.
Falla á Deus inquerindo a brisa tibbia:
Porque nasci?... Pergunta.
Exaspera, comprime no seu ambito
O coração que chora,
Ao silencio fatal que lhe volteja,
Da natureza muda...
Sorri depois á borboleta andante
De doirados matizes,
Onde quebra-se o sol prismando as côres,
De mil raios doirados.
Esquece as dores preso ao labiryntho
De tantas commoções!
Colhe á beira da estrada roxo lyrio
Que murcha após instantes!
E vai o coração se requeimando
No tormento da sêde...
Sorve gôttas de orvalho na passagem
Pendidas na roseira;
Em vão as aguas de chrystalea fonte
Bebeu e bebe mais...

O cansaço o acolhe, os membros lassos,
Os passos lhe fraqueão;
Vem o delirio calcinar-lhe o peito,
Quer descansar... não pode!

Uma voz se levanta entre a poeira,
E só lhe diz: — Prosegue!...
Então o forasteiro volta a frente
Quer ver o berço amigo,
Mas descobre o infinito já sulcado,
O marco está bem longe!
E caminha... caminha! A dubia estrella
Sumio-se no horizonte...
A nuvem se deslisa pelo ether
E lhe sombreia a frente!

III.

Foge-lhe então o prisma de illusões,
O mundo lhe apparece
Corrosivo qual é, entre esplendores
Pejado de miserias!
Que martyrios, que lutas incessantes
Ao descer desse sonho!
Que pugna medonha se levanta!
Entre o peito e a razão!
As dores lacerantes dos espinhos
Embebidos nas carnes,
O alento da vida esvaecido
Nos membros que fraqueião;
O mundo encadeado á vis paixões,
Que renegão dos céos,
Fortalece a razão nessa descrença,
Pungente e dolorosa:
— O amor, como Deos, é um mero sonho,
A vida, um só martyrio! —
E o coração lhe diz agonisante:
— Tenho ainda esperança!
Limpa as palpebras de lagrimas banhadas,
Mas a esperança é morta!...
E caminha, caminha o peregrino
Na senda do infinito!
As horas da existencia estão contadas.
Não pode ter descanso!
A nuvem já cubriu-lhe o firmamento,
A escuridão perpassa...
Sem mão amiga que lhe limpe ao rosto
Os suores da fraqueza;
Sem amparo que guie os debeis passos
Do corpo vascilante!
Revoltando-se então contra a natura
Quer descansar... Embalde!...
Inda imbellé supplica extenuado;
E a voz lhe diz: — Prosegue!...
E elle segue no trilho, a cada passo,
Um gemido soltando!...
E caminha, caminha longo tempo...
Por um seculo inteiro!

Até que chega á raia da romagem!
Emfim parou agora!...
Um abysmo mais negro que a tormenta

Dista a penas um passo,
E' o ultimo gemido desse peito
Agonizante e fraco...
Avança emfim, e no abysmo horrivel
Para sempre sumio-se!

E o que resta depois d'essa jornada
Tão cheia de tormentos?
Os cantos de uma lyra que quebrou-se,
Lembranças de um passado.
E algumas flores murchas, desfolhadas,
Colhidas na passagem.

S. Brito.

—oOo—

EMENTARIO

Delenda Carthago!

Abrão-se os diques, vomitem as cataractas... converta-se o firmamento em nevoeiros de saraiva, abra-se o sol o oceano, mas que venhão noticias do chronista.

Grande coisa é ser chronista! Descreve trinta dias com a mesma paciencia com que uma criança desfolha uma a uma as trinta petalas de uma rosa!

E não deve elle ser pretencioso?

Mas... porque? O que é uma chronica?... Quatro linhas escondidas no fundo de uma revista de trinta e duas paginas, meia duzia de noticias esquecidas á primeira vista, e muitas vezes nem honrada com a leitura do assignante... Finalmente... o tempo urge, e se continuo a divagar não poderei ser pretencioso, e farei o triste papel de D. Quixote a combater os monstruosos gigantes transformados em moinhos. Pedreiro livre... mãos á obra.

*
* *

THEATRO. — Subiu á scena no dia 1.º d'este mez o mimoso drama **Carlos ou os fabricantes do Porto**; é um trabalho puramente portuguez, tanto pelos costumes como pela linguagem.

E' talvez o melhor drama portuguez que n'este decennio tenha-se exhibido no nosso theatro, mais da classe realista que da romantica, possui no seu singelo enredo, uma linguagem modesta, mas á character.

Levado á scena em commemoração ao anniversario do rei D. Luiz I, deu-nos uma noite aprasivel pelos esforços que fizerão os actorse para seu bom desempenho.

A empreza dramatica resente-se por falta de pessoal; tem poucas figuras boas, destacando-se sobre toda a companhia o actor Araujo.

E' um dos melhores actores que temos visto n'esta cidade; recomenda-se pela intelligencia com que interpreta seus papeis, pela belleza com que os executa, e pelo caracteristico proporcionado; emfim, nada deixa a desejar.

Vimol-o nos diversos dramas **Dalila**, **Estatua de Carne**, **Mulher e Mãe**, na **Graça de Deus**, em **D. Cezar de Bazan**, assim como em em muitos outros, e o Sr. Araujo tem sempre revelado ser verdadeiro actor dramatico.

*
* *

DRAMAS. — Temos a inscrever mais dois trabalhos dramaticos: **Jeny a Irlandeza** e **A Vingança**, são titulos de dois dramas do Sr. Luiz Antonio de Almeida.

Não conhecemos o autor, nem queremos aqui analysar seus trabalhos; noticiamos e apenas faremos algumas reflexões sobre elles.

Jeny a Irlandeza, é extrahido do romance **Rocambole**, do escriptor francez **Ponson du Terrail**.

Tem algum tanto de inverosímil como acontece nas obras d'aquelle romancista. Sentimos que o autor se dê ao trabalho de extrahir o enredo de seus dramas de outras peças litterarias.

Temos visto na **Côrte** subir á scena por dezenas de vezes, e sempre applaudidos fervorosamente, os dramas **Antonieta**, e **Margarida**, extrahidos do mesmo romance; no entanto nunca procuramos conhecer seus autores: é que se ahi colhe-se alguma gloria, ella pertence ao autor do romance.

Sabemos que o **Sr. Almeida** é muito jovem; não queremos com o que temos dito, pôr um obstaculo a que mais tarde colha louros na senda litteraria, não; antes pelo contrario, diremos sempre — **Avante!**

A Vingança, é um trabalho melhor organizado, e por isso sendo um primeiro ensaio, está acima d'aquelle outro, merecendo palavras animadoras. Seus quadros estão melhor dispostos, seu enredo é bello, notando-se apenas não finalizar o drama como devia.

A litteratura dramatica é um trabalho que necessita de muito estudo e cautela.

Deixamol-o por aqui, e passemos aos

*
* *
*

Cantos do ermo e da cidade. — E' um novo volume de poesias do mimoso cantor **Varella**, do filho dilecto do **Guanabára!**

Devêra antes chamar-se — **Flores do ermo e da cidade**; flores! ahi as ha singelas e puras, trescalando o aroma suave d'aquellas que vegetão nos prados solitarios, chrystalisados pelo orvalho do albôr; existem tambem adormecidas entre os salões esplendidos em vasos de chrystal.

O que nos diz o **Canto do sabiá**, **A filha das montanhas**, e o **Vagalume** quando falla:

“A tribu das borboletas
Das borboletas azues,
Segue teus gyros no espaço
Mimosa gotta de luz.”

O que nos diz?...

A alma do poeta comprehende a bella obra da creação! Sublime comparação!

Como sua lyra se manifesta rodeada de esplendores na poesia — **As Letras?**

“Na tenue casca de verde arbusto
Gravei teu nome, depois parti;
Forão-se os annos, forão-se os mezes,
Forão-se os dias, acho-me aqui.
Mas ai! o arbusto se fez tão alto,
Teu nome erguendo, q' mais não vi!
E n'essas letras que ao céu subião
Meus bellos sonhos de amor perdi.”

— E tu, elevado cantor da — **Minh'alma é triste**, — que dormes sob a lousa mortuaria, quando embriagado nos sentimentos de tua alma, a brisa que passava não te murmurou um segredo, não te disse que voltaria sob o livre céu do **Guanabára?**... E ella voltou... voltou e viu-te adormecido nos páramos da eternidade, mas achou outro can-

tor que a esperava; era uma lyra doce e meiga como a tua. Olha... vê n'esta voz a magica doçura dos teus cantos:

"Amo o silencio, os areaes extensos,
Os vastos brejos e os sertões sem dia,
Porque meu seio como a sombra é triste,
Porq' minh'alma é d'illusões vasia."

.....
"Amo as perpetuas que os sepulchros ornão,
As rosas brancas desbrochando á lua,
Porque na vida não terei mais sonhos,
Porque minh'alma é de esperanças nua."

Não é só isto; cada um verso de Varella é uma perola estimada. **A Lenda do Amazonas, O General Juarez, Leviandades de Cynthia e O Filho de Santo Antonio**, são preciosas poesias; e sobretudo quanto é bello, mimoso e elegante quando diz em suas **Estancias**:

"O que eu adoro em ti não são teus seios,
Alvas pombinhas que dormindo gemem,
E do indiscreto vôo d'uma abelha
Cheias de medo em seu abrigo tremem."

Que comparação podera melhor pintar os sentimentos da alma do poeta?

E' este o segundo volume de poesias que o Sr. L. N. Fagundes Varella tem dado á luz no correr d'este anno.

*
* *
*

As victimas algozes — lê-se no frontespicio de dois volumes de romances do nosso distincto litterato o Sr. Dr. Macedo. Tres novellas são escriptas sob aquelle titulo; é um trabalho original onde o autor pintando essas scenas que diariamente se dão em nosso lar, revela quão prejudicial é para a sociedade a escravatura.

A primeira novella, **Simão o crioulo**, é o escravo que desconhece o sentimento da gratidão, e por ser escravo paga os beneficios recebidos de seu senhor com ingratidão.

A segunda, **Pai' Rayol, o feiticeiro**, são dois escravos que se unem para a destruição de uma familia; é um quadro horrivel do escravo revoltando-se contra o senhor, mas muito commum entre nós.

O ultimo, **Lucinda, a mucama**, é ainda o verme peçonhento que tantas vezes tem corrompido o seio de nossas familias, é ainda a escrava respirando com as nossas virgens no mesmo ambiente.

Triste verdade nos apresenta o Dr. Macedo n'estes tres romances.

Vingança por vingança é o titulo de um drama publicado recentemente na Côrte por seu autor o Sr. Constantino Gomes de Sousa.

*
* *
*

Bibliotheca. — O Exm. Sr. Dr. M. Homem de Mello acaba de apresentar ao **Parthenon** com um exemplar de cada um dos seus trabalhos graphicos e historicos.

O nosso illustrado consocio nunca se esquece da provincia que tão

sabiamente governou; e ainda mais, amando a litteratura patria e desejando seu engrandecimento, nunca se faz esperar em semelhantes occasiões.

Outro sim recebeu o **Parthenon** o 1.º numero do **Soldado e o Marinheiro**, órgão da classe militar. Já se fazia esperar em nosso paiz, onde todas as classes sociaes tem proprios defensores.

E' não recuarem os esforçados campeões a quem desejamos um futuro brilhante.

*
*
*

Libertação de escravos. — O **Parthenon** foi surpreendido por um officio assignado por algumas pessoas moradoras na **Cachoeira**, que remettião-nos, para ser destinada á libertação da escravatura, a quantia de 313\$740 réis.

Era o producto de um spectaculo, que alguns moços d'aquella cidade, desejosos de ver erguido em nosso paiz o estandarte da civilisação e da liberdade, exhibirão para coadjuvarem o **Parthenon** no solemne festejo que teve lugar na noite de 19 de Setembro.

Um bravo unisono erguemos saudando essa mocidade, tão briosa quão util á patria!

O-sol da liberdade parece que lentamente vai desdobrando seus raios aos martyres escravos!

*
*
*

Delenda Carthago!

Algumas palavras sobre a revista de Outubro.

Agradecemos ao illustrado redactor a nomeação que nos fez para o cargo de — continuo, — isto é, — o órgão mais autorisado, — pois cremos que quem o intelligenciou de que seria redactor d'aquelle mez, quem respondeu como aquelle estudante **bebado** — **ainda** — não foi outro senão o chronista de hoje.

Orgulhamos-nos da nomeação, mas não desmoralisamos o monumento do **Parthenon** em ruínas, como fizerão os discipulos de **Loyola** por traz da cruz da Redempção.

Outro sim o redactor d'este mez votou contra a publicação da carta anonyma, porque não aceitaríamos demonstração alguma por escripto, visto seu autor acobertar-se sob profundo mysterio.

*
*
*

Iamos esquecendo o resto...

O que dizem agora sobre as pretensões do chronista?

Deve elle as ter, ou não?

Eis concluida a tarefa, venha a recompensa; desejo tudo o que amo.

Querem saber quaes são meus amores? Pois leião o seguinte **Soneto**:

Eu adoro o viver onde a paixão
Em horridos tumultos se revela,
Amo o rouco gemer d'atroz procella
E o batel sobraçando ao vagalhão.

Amo o mocho a piar no cemiterio
Quando banha-se a lua em mar celeste,
Ou quando o vendaval quebra o cypreste
Querendo derrocar todo o hemispherio.

Amo mais a mulher q' deixa o leito
Onde fôra feliz, outr'ora amada
Do desprezo sentindo amargo effeito

E raivosa em ciume, a mão armada
Embebendo o punhal no ingrato peito
Solta após estrondosa gargalhada.

Novembro de 1869.

—oOo—

REVISTA MENSAL
DA
SOCIEDADE
PARTHENON LITTERARIO

1.º ANNO. — DEZEMBRO DE 1869. — N.º 10

—o-o-o—

TYP. DO JORNAL DO COMMERCIO
PORTO ALEGRE

1869

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Vasco de Araujo e Silva.
Appollinario Porto Alegre.
José Bernardino dos Santos.
Aurelio V. de Bittencourt.
Francisco Isidoro de Sá Brito.
Hilario Ribeiro de A. e Silva.

REDACTOR DE MEZ

Vasco de Araujo e Silva.

O AGONISAR DO POETA

Nem o menor ruído, por favor; elle descança depois de uma agitação que me fazia medo, dizia o Dr. Alberto da Silva a Leonardo que entrava.

— Muito bem; tinham-me dito que o nosso bom amigo debatia-se já nas agonias da morte, e não quiz deixar de vir dizer-lhe o adeus final. Fui sempre seu verdadeiro amigo; estudamos juntos, fomos companheiros de casa no Rio de Janeiro; e desde então tomei-lhe uma afeição sem limites. Mas como venho encontrá-lo!... Não ha muito que por aquella fronte macilenta e larga passarão sonhos de um futuro côr de rosa; não ha muito que elle cantava contente, dedilhando no alaude inspirado canções de amor; a molestia veio prostrar-o quando elle estava de pé, quebrar-lhe o alaude, esvaecer-lhe os sonhos de felicidade que lhe borbulhavam no cerebro.

— Desgraçada é a condição do genero humano, meu amigo. Nada ha que contradia esta grande verdade. E a prova alli temos. Quantas noites não perdeu este pobre moço, curvado á mesa do estudo? Quanta difficuldade não teve elle a vencer para ir ao Rio de Janeiro matricular-se no collegio de D. Pedro II? E tudo perdido n'um momento, tempo, dinheiro e em breve a vida!

— Porém, Doutor, não haverá alguma causa occulta para os sofrimentos de Guimarães? Terá elle succumbido diante de embaraços pecuniarios? Guimarães é moço e poeta: poeta do coração, poeta do sentimento; talvez que o amor...

— Quem falla aqui em amor, disse o doente erguendo-se de chofre, e percorrendo com a vista desvairada a extensão do quarto? Quem disse que a felicidade se encontra no amor? Quem se atreve a uma tal blasphemia? Amor! o que é o amor? Poderá ser a desesperança, a fatalidade, a morte, — nunca a felicidade!

— Socegue, Guimarães, lhe disse o doutor; vai melhor, não é assim? Dormiu tranquillo?

— Ah! é o Sr., meu amigo? Quanto lhe devo por não me abandonar na solidão em que espero a morte! Tive tantos amigos... tive tantos convivas na mesa da orgia, onde no beijo de mulher lasciva queria afogar as dores d'este peito... e onde estão elles agora?

— Leonardo aqui está e não pôde entrar no numero dos que te esquecerão. Disse-te um dia á mesa do festim, entre o fumo do charuto e o copo de cognac: — Seremos amigos eternamente. Nas manhãs esplendidas da primavera, ou nas noites borrascosas do inverno; nos doces gosos da felicidade, ou no amargo do infortunio, seremos sempre os mesmos.

— E' verdade, meu bom Leonardo; lembro-me como se essa especie de pacto se houvera contrahido n'este momento.

— Sente-se melhor? Deus não ha de permittir que o cantor inspirado estale as cordas do alaude para ir entoar seus hymnos no céu. E' cedo ainda. Deus gozará dos teus cantos por uma eternidade; nós temos escutado apenas os primeiros harpejos da tua lyra divina.

— E poderá eu cantar mais n'este mundo de calculo e de putrida materia? Tolerarião um hymno entrecortado de soluços, inspirado pelas lagrimas, saturado do fel que enche-me o vaso do coração? Houve tempo em que eu desferia no meu instrumento querido canticos de

amor em louvor do Senhor Deus; acompanhava o modulo dos passarinhos mimosos poisando nos ramos do arvoredor quando vinha nascendo a aurora; trabalhava durante o dia, e ao cair da noite entregava-me inteiro á oração. Mas hoje... eu soffro tanto, meu Deus! —

Guimarães levou as mãos á cabeça como em desespero, e foi pouco a pouco adormecendo.

Os dois amigos permanecerão mudos por alguns instantes. Tinha receio de acordar o doente, que parecia então mais tranquillo.

De repente Guimarães agitou os braços, contrahi o rosto, e soltou um gemido... um gemido que penalizou os circunstantes ao ponto de fazel-os chorar.

Passou as mãos pela fronte, estremeceu e fallou:

— “Porque me appareces, sombra que adorei outr’ora? Porque vens ao santuario da morte augmentar a agonia do que soffre? Affasta-te, affasta-te para longe, que eu não quero ter-te ante os olhos. Que queres de mim, desapiedada creatura? Se vens justificar-te, fuge, que eu não preciso ouvir-te!

— O que é aquillo, doutor?

— E’ a febre... não sente a ardencia d’aquella fronte... mesmo d’aqui?

— Pensa que a morte não tardará a arrancar-o ao nosso affecto?

— Tudo quanto a sciencia me ensinar, será feito. O resto fica á Divina Providencia, cujos segredos são impenetraveis.

— ...Ainda não te foste, sombra maldita?... não... não... não tenho coragem para lançar-te a maldição. Eu era moço, muito criança ainda; vivia feliz com o meu companheiro inseparavel na loucura dos prazeres tanto como nas horas de tedio. Passaste um dia pelo meu caminho; lançaste-me um olhar e partiste ligeira. Que olhar, Malvina, que olhar o teu! Desde então foi-se-me a calma, foi-se-me o prazer. Em toda a parte aquelle olhar a fascinar-me! Se tocava as cordas do alaúde, a tua imagem me apparecia bella e encantadora, desafiando o meu amor. Se no prado olhava as flores, parecia-me ver na corolla os teus brilhantes olhos negros; se voltava as vistas para a latada da madre-silva, por entre as folhas verdes eu via aquellos olhos a scintillarem como duas finas perolas. Não era possivel resistir... corri atraz de ti, deliberando a possuir-te ou a morrer. Perguntei aos viajores se te tinham visto passar dias antes; examinei o bando de moças que encontrei no meu trajecto, e nada. Ninguém me sabia informar, ninguém te vira. Quem sabe se não foi uma visão que me appareceu em sonho, perguntava-me eu? E entregue á duvida, á incerteza, ouvi ao longe o rodar de uma carruagem. Mais e mais se aproxima... vem perto... avanço... lanço os olhos para dentro... ah!

— Doutor, doutor...

— Deixemol-o... Sonha... para que acordal-o?

— ...Eras tu... Quanto fui feliz então por encontrar a possuidora d’aquelles lhos que me fascinavão!... Segui-te até onde te levou a carruagem; entraste em casa... foste buscar repouso para as fadigas do passeio, enquanto que eu velei toda a noite, envolto n’um novo mar de duvidas.

No outro dia, abri-te o meu coração para mostrar-te os thesoiros de adoração que guardava para ti; fallei-te de amor; pedi-te a felicidade de toda a minha vida a uma simples palavra — Sim. —

Oh! quanto foste desapiedada! O anjo de ceruleas azas tornou-se estatua; á rosea côr das faces substituiu a brancura do gelo; e do alto do teu orgulho me repelliste, soltando afinal uma gargalhada satanica, como devia ser a de Democrito ao contemplar as mundanas misérias. Ainda tenho atordoados os ouvidos! Fugi... e quantos mais esforços fazia para riscar da memoria esse sonho de um dia, mais sentia bater-

me o peito, mais amor para offertar-te! Na lucta insana que travei com o coração, o resultado foi este: hoje a doença, amanhã a morte... oh! é horrível..."

A tosse suffocou o enfermo, e uma golfada de sangue sahiu-lhe pela boca.

Passados alguns momentos, Guimarães fallou:

"Meus amigos, sinto que a minha derradeira hora se avizinha; já nem forças tenho para fazer-me ouvir. Cheguem-se a mim, que lhes quero dar um conselho. Accuso da minha morte a sociedade. Desde os primeiros annos revelou-se-me uma irresistivel vocação para as letras. Nas horas de ocio cantava na lyra e escrevia folhetins para jornaes. Passei do folhetim ao romance, convencido de que o primeiro é como a flôr de um dia, que a viração lança para longe. Quando o meu nome começou a apparecer elogiado pelos mestres, senti-me orgulhoso, e disse: ao menos assim ha uma compensação para os que se afadigam pelas letras. A maledicencia e a inveja não tardarão em lançar-me ao coração o gelo da descrença; e no combate á que provoqueei os materialistas da epocha, tive a infelicidade de ser vencido.

Cantei, e rirão-se estolidamente dos meus hymnos; e um mais ousado houve, que perguntou o que guardava a cigarra para atravessar o inverno.

Escrevi folhetins aos domingos, e recebi-os ao outro dia envoltos nos generos da taberna.

Fiz romances, e não achei editores nem subscriptores.

Tantas decepções enfraquecerão-me o animo; e pela primeira vez tive de curvar a cabeça á sentença dos homens que proclamavão a supremacia do dinheiro, e declaravão-se em guerra aberta ás letras.

Desanimei; lamentei ter consumido a melhor parte da minha vida a estudar a litteratura, a aprender a historia.

Vi-me sem meios, mas repugnou á minha dignidade ir pedil-os aos unicos que m'os podião dar, aos que se dizião senhores absolutos porque tinham muito oiro!

Preferi a miseria; e querem saber porque soffro?

Tive fome muitos dias; quando quiz erguer-me para recorrer aos poucos amigos que me restavão, não me foi mais possivel; a enfermidade não m'o consentiu.

O meu exemplo deve servir-vos de lição; não se cansem; se ainda é tempo, deixem os livros, e tornem-se commerciantes; hoje no mundo tudo é calculo e commercio, até... no amor...

E a tosse e a golfada de sangue repetirão-se.

Bem sabião os dois amigos do enfermo que, sobretudo, fôra o amor despresado que matára Guimarães; tinham lhe surprehendido o segredo n'um momento de febre; respeitarão n'o, fingirão ignorar-o!

A agitação de Guimarães foi crescendo, e em pouco conheceu-se que a sciencia nada mais tinha a fazer.

Guimarães abraçou os dedicados companheiros que tinha em derredor, a agradeceu-lhes por não o terem deixado morrer só.

A sua ultima palavra foi um perdão a Malvina, e uma absolvição aos que o tinham insultado.

Alberto e Leonardo fizeram o enterro do pobre poeta, roubado á vida no verdor dos annos.

No mesmo dia do sepultamento de Guimarães, Malvina recebia-se em matrimonio com o escolhido da sua ambição, um homem rico, que comprára a peso de oiro o titulo de commendador.

Deus deve ter em sua santa gloria o moço que atravessára o caminho da vida, sangrando os pés nos espinhos que lhe semeiarão; Malvina soffre as consequencias do seu orgulho nos desgostos que o consorcio lhe trouxe.

Aurelio de Bittencourt.

A PEDRA FENDIDA

LENDA NACIONAL.

A GUILHERME DA SILVEIRA

Surgindo n'agua á flôr coberta de verdura,
O mar em torno d'ella assim brando murmura:
Tú és de Guanabara a mais mimosa filha!
Nenhuma como tú no seu regaço brilha,
Tão bella e tão gentil, oh Paquetá saudosa!
Eu mesmo, nos vaivens da lida porfiosa,
Ao ver o solo teu coberto de verdores,
Em ti penso beijar a Ilha dos Amores;
Aquella que em meu seio á voz de um genio surge,
E que ao repercutir da voz inda resurge,
Bella qual a creou esse inspirado genio,
A que no mundo deu o mendigar por premio. —
Alli a tradição conta uma triste lenda,
De que te faço, amigo, esta singela offrenda.

Paulo era pescador e mal entrava ainda,
Na idade das paixões; quadra risonha e linda,
Em que elle, além do mar, que impavido sulcava,
Para tudo no mundo com desdem olhava.
De pequeno, seu pae, um pescador tambem,
Ensinára-lhe a ver o que de horrendo tem,
No seio a tempestade, quando ao mar e á terra,
Revolve a face n'um e n'outro abala a serra.
Mas um dia seu pae á choça não voltára,
A morte com traição do barco o arrebatára!
Colhia o pobre velho a rêde sem cautella.
E subito sentiu-se emmaranhado n'ella;
Desenredar-se quiz, porém fatal sentença.
Já tinha a sorte escripto; a superficie immensa
Ao corpo que tombava um largo espaço abriu,
E o corpo á superficie, ai, nunca mais subiu!

Paulo ao perder seu pai sentiu-se de repente,
Irmão e protector de linda adolescente.
Encanto e seducção dos rusticos visinhos;
Amelia, se chamava o cofre dos carinhos,
D'aquella boa gente á lida acostumada;
E Amelia, morto o pai, foi logo disputada!
Era coisa de ver a socegada ilha,
Alvorçar se toda a reclamar a filha!
Brava a contenda foi, mas Paulo a todos dera,
Razões tão naturaes, que a todos convencera.

O triste assim fallou: — Se pae, se mãe perdi,
(Ha muito a mãe morrerá) e Deus me tem aqui,
Errando sobre a terra, oh quereis vós roubar-me,
Quem póde este viver, sorrindo, amenisar-me?...
Movidos eu bem sei que sois das caridade,
Mas dae este consolo á misera orphandade;
Se minha irmã levasse, o que será de mim?...
Na vida encontrarei a solidão sem fim —
Eu, que sulcando o mar as solidões só vejo,
Nem mesmo no meu lar terei o casto beijo,
A voz da minha Amelia a soluçar baixinho:
Oh Paulo, meu irmão, aqui n'este cantinho,
Somos nós e a saudade, mais ninguem se acolhe.
E no mar, quando a vaga os meus vestidos molhe
Dizei! quem sobre a relva ha de estendel-os rindo?
Quando ao entardecer do mar vier fugindo,
Quem ha de ir esperar-me á sombra dos coqueiros,
A acenar-me de longe?... ai, vós, meus companheiros,
Tendes, volvendo á praia, a esposa que suspira,
Que mil affagos dá, que a vossa rede tira.
E cantando convosco as malhas lhe concerta.
Mas eu, triste de mim, com a choupana aberta,
Ninguem me levará, sequer a gota d'agua,
Um consolo ao soffrer, um lenitivo á magoa.
Amelia me deixae, é rôla d'este ninho
Eu sei — que morrerei se me deixar sosinho. —

Quem se havia de oppôr? com seu irmão ficára,
E na desdita Paulo a sorte abençoára,
Por lhe ter concedido aquella criancinha,
Esteio que de pé o corpo lhe sostinha.
E ás lufadas da dôr a vida lhe abrigava.

Na quadra das paixões Amelia penetrava;
A infancia a suspirar por ella se ficou.
Como a quem desde o berço estremecida amou.
E nunca a mocidade abria o seu regaço
A fronte mais gentil; Paulo moreno e baço,
Tostado pelo sol mostrava o rosto bello;
E tinha no dizer um modo tão singello,
Que ouvil-o uma só vez, era ficar captivo!
Quando na capellinha ou n'um logar festivo,
O donairoso par taful apparecia:
— Que bonitos irmãos — o povo repetia.
E não faltava alli rapaz que não pensasse,
Ao ver a linda Amelia em venturoso enlace;
Mas se ella presentia uns longes na conversa
Do occulto pensamento, alli logo dispersa,
Ficava a companhia, e Paulo de repente,
Arremessado olhar lançava ao pretendente.
Então no grupo alguém vendo este irmão cioso,
De mansinho dizia: — oh nem que fosse esposo! —
Se o mar era sereno e o céu era de anil,
A's vezes na canôa entrava o par gentil;
E quando o sol no occaso as serranias doura,
Como era lindo ver de Amelia a trança loura,

Caprichosa ondulando á viração da tarde!
Um frio coração d'estes em que não arde,
Nem viva já se ateia a branda luz da fé.
Se visse no barquinho aquella moça em pé...
O sol a illuminar-lhe as faces e os cabellos...
E o mar a debuxar os seus perfis tão bellos...
Alma gasta, descrente, oh reprobo que fosse,
A' mente lhe viria um pensamento dôce;
De pae, de mãe, de Deus se lembraria emfim,
Se visse no barquinho á tarde Amelia assim.

Um dia alguém notou que á missa já não ia,
Amelia a devotinha, a flor da freguezia,
A mesma que o vigario apresentava a todos,
Como exemplo a seguir na compostura e modos,
Que deve a moça ter na casa do Senhor.
E depois, mais alguém, o povo fallador,
Raça damninha e vil que em toda a parte habita,
A que não ha fugir, pois quanto mais se evita,
Mais nos devassa o lar e nos escuta a voz,
E se não vê nem ouve, ergue a calumnia atroz.
Esse monstro fatal a cujos pés rebrame,
Com a negra mentira a hypocrisia infame.
Tal povo emfim notou que o meigo par agora,
Não era em seu viver o mesmo par de outr'ora;
Faltava-lhe a alegria, aquelle sol formoso,
Que doura a mocidade a palpitar de gôso.
Nos domingos á tarde entre o girar das danças,
Ai nunca mais se vira o fluctuar das tranças,
Nem o canto de Amelia acompanhando o côro
Do bando festival; dizia-se que em choro,
Alguem a surpreendeu fitando um dia o mar,
Sem jamais se saber a causa do pesar,
Que de pranto inundava a face á linda moça.
Tambem agora havia em torno á humilde choça,
Um não sei que sinistro e de tristonho aspecto,
Morrera o sabiá; pendente inda do tecto,
Se via abandonada a muda gaiolinha,
E o basto roseiral por quem Amelia tinha,
Tão entranhado amor, á secca se mirrava.
Que desdita seria a que sem dó roubava,
Da socegada estancia o riso, o canto e as flores?

Era o quente verão; do mar os pescadores,
Fugiam com temor da proxima tormenta.
A tarde ia no fim; já uma cor cinzenta,
Nuncia do trovejar, ao longe o céu cobria;
Enormes, semelhando immensa serrania,
As nuvens em tropel sinistras avançavam;
Intenso era o calor, nem leve ciciavam
As folhas no arvoredó; e quem n'este Brasil,
Não sabe como em ti oh Paquetá gentil,
São tanto de temer as seccas trovoadas?

As canôas á praia emfim já são chegadas;
De esposas, filhas, mães, palpita desoppresso,

E ledo o coração; oh quanto é caro o preço
Por que vós lhe compraes, os pobres pescadores,
O seu terno carinho e os seus ternos amores.
E' por ellas que vós sulcando o extenso mar,
Estaes sempre co'a morte alegres a brincar;
E' por ellas que vós sobre esse mar correndo,
Nem vos lembraes talvez que o vendaval tremendo,
Irado, dentro em breve arrojé ás profundesas,
Vossas vidas que estão já d'outras vidas presas.

Liberto o furacão, arqueja, ruge, freme,
E a terra ao seu embate, horrorisada treme;
Do mar a superficie agita-se alterosa,
Parecendo abalar co'a furia impetuosa,
Os rochedos que em torno a Paquetá ergueu
A sabia natureza; escuro e negro o céu,
Mais negro inda o tornava o approximar da noute.
A tempestade erguendo o pavoroso açoute,
O medo, a assolação em tudo ia deixando.
Estalava o trovão e rapido passando,
O raio coruscante, illuminava a scena
De fugaces clarões; ao longe a voz serena
De crianças que ao céu em côro a prece erguião,
Aos echos da tormenta os debeis sons união.
Subito, entre o bramir dos encontrados ventos,
Humana voz se escuta, e vem do mar; attentos
Os olhos atravez da escuridão procurão
D'onde vem o clamor; intensos já fulgurão
Mil fogos sobre a praia o mar illuminando;
Eis que ao longe se vê, nas vagas fluctuando,
Desmantelado e entregue á furia da tormenta
Pequenino baixel, que a custo se aguenta
Sobre horrido escarcéu; na praia os mais ousados
Querem ao mar sahir, e tentão, mas baldados
Os seus esforços são; á praia elle devolve
Arrojado batel, que afouto se resolve
O seu dorso a galgar; perto o clamor já sôa,
E distincto se escuta assim: — meu Deus perdôa,
A mim que vou morrer, o meu peccado atroz! —
Amelia! o povo exclama ouvindo aquella voz;
E a triste para a terra os braços estendia,
Como se a multidão que sobre as praias via,
Podesse ir arancal-a á angustia em que penava.
A pobre em afflicção depois continuava:
Piedade, soccorro!...

O coração confrange
O grito dolorido, e o que em redor abrange
A vista desvairada, oh, mais horrendo torna
O pavoroso quadro; o mar já quasi adorna
O alquebrado baixel, até que enorme vaga
De encontro a erguida rocha o pobre lenho esmaga;
Seguiu-se um grito, um só, medonho, pavoroso,
Que o furacão levou rugindo furioso.

Não era a rocha núa, em torno lhe viçava,
Densa vegetação que o mar em vão tentava

Nas crescidas marés ás vezes destruir;
Quando o barco de encontro ali se foi partir,
O instinto natural aos naufragos mostrára
A unica salvação; um raio que passára,
De luz todo inundou em pedestal ingente,
Um grupo magestoso, um grupo commovente;
Ai, era Paulo e Amelia, os dois irmãos, que unidos
Erguião para Deos as mãos agradecidos.
De joelhos na praia o povo a Deus se prostra,
E erguendo as mãos tambem a gratidão lhe mostra;
De repente, porém, novo trovão estala,
E o feroz ribombar como que a terra abala.
Um raio que baixou das solidões do espaço,
A rocha bipartiu com horrido fracasso.

Serenára a tormenta e de entre o mar sahiu
Uma voz que na terra assim repercutiu:
— “Olhai d’estes irmãos, o fim negro e funesto,
E vêde como Deus sem dó castiga o incesto.”
Perto de Paquetá fendida a rocha existe,
A memorar de Amelia e Paulo o caso triste.

1860, Rio de Janeiro 30 de Junho.

M. J. Gonçalves Junior.

DOUS CULTOS

Era no templo! enovelado em ondas,
O incenso para Deus brando subia;
E a voz do órgão magestoso e grave
Todo o espaço inundava de harmonia.

O sol era no occaso; um raio a furto,
Coando-se no vidro, illuminava
Ao sacerdote a veneranda fronte,
E como que uma aureola lhe dava.

Tudo ali era paz, socego tudo,
E na prece a minha alma recolhida,
Quando já para Deus ia a ascender-se,
Em ti pousou oh sol da minha vida!

.....

Correrão dias e uma noute ouvindo,
Da tua meiga voz o brando accento;
Essa candura que o teu labio estilla,
Quando a phrase traduz o pensamento;

Lembrei-me então das sacras harmonias,
Do sol, da prece, que no templo erguêra;
E d'aquella visão terna e suave,
Que o santo enlêvo atraçoar viera.

E depois, quando a luz serena e limpida
D'esses teus olhos encontrava os meus,
Eu preso e fascinado pelo encanto,
Olhando para ti pensava em Deus!

Erão dous cultos, sim, ambos unidos,
Ambos gerados pelo mesmo amor!
Se amando a Deus amava a creatura,
Na creatura amava o Creador!

Rio de Janeiro, 1868.

M. J. Gonçalves Junior.

O ENGEITADO

(Empressões da Julia, poesia de Thomaz Ribeiro.)

O' noute! Quanta belleza
Tinha a magica tristeza
Que teu silencio infundia!
Nos céos — um arco de lua,
No rio — baixel que fluctua
Ao arfar do maresia.

No horisonte a densa esteira
Da gigante cordilheira,
Que s'estende desde o mar;
D'aqui, d'ali — ilhas soltas
E rios que, após de mil voltas,
Vem-se ao lago derramar.

A meus pés frême o Guahyba,
E além, n'arenosa riba,
Reflue o mar a gemer;
Mais longe o écho estrugia
Sons de um clarim, e dizia:
— São horas de recolher!

O' noute! Que mago encanto
Reçumbrava de teu manto
Esparso a face da terra!
Sonhos de amor e poesia
Tinha o lago que dormia
Debruçado aos pés da serra.

E grata e doce a bafagem,
Da figueira entre a ramagem,
Dizia triste — **saudade.**
Aqui — phantasma do vicio,
Se erguia um negro edificio.
E lá em cima — a **Caridade!**

Tudo era bello, meu Deos!
A terra, o espaço, os céos
Resplendecião de encanto!
Mas qual a vaga eu gemia
Porque minh'alma eu sentia
Sossobrar, afflicta, em pranto.

Soffria!... e sempre sosinho,
Como um passaro marinho
Vagava, beirando os cáes...
Porque eu, qual n'um deserto,
Estendia o olhar incerto
Sem nunca ver á meus paes!

Porque jámais esperava
Entre a turba, que passava

Tão junto a mim em seu trilho,
Quem a dextra m'estendesse...
Quem minha dôr compr'hendesse...
Quem me chamasse — seu filho!

—
Ninguém! ninguém! sempre só!...
Estatua lançada ao pó
Eil-o — engeitado e maldicto!
Vêde-o — que escarneo sublime!
— Insonte e filho do crime,
Em todo o mundo proscripto!...

—
A' elle não se abre um seio,
Não — que existe de permeio
Entre mãe e filho... horror!
Em vez do amor tão sagrado.
Um anáthema — **engeitado!**
E a miseria, a infamia, a dor!

*

Longe d'arvore que se esfolha,
Pobre folha,
Fragil brinco do tufão,
Em que chão
A misera irá parar?

—
Terá ella acaso abrigo,
Seio amigo,
Que lhe dê o seu calor,
Seu amor,
Onde possa dormir?

—
Quem sabe! Mas eu anceio
No receio
De que role a pobresinha,
Tão mesquinha,
Senda azinha até morrer.

—
Tal sou eu — pobre **engeitado.**
Desgraçado.
Sem familia, nem lareira
Onde em hora deraçeira
Vá gemer.
Vá morrer tão malfadado.

*

Bem alta vai a lua! E' findo o baile;
Já bem longe fluctua o claro chaile
Da donzella formosa,
Que volta do sarão, onde entre as flores
A mais querida foi, scismando amores,
Ou d'elles desdenhosa.

—
Prosegue a noute; reprêso o mar é quêdo;
Não vejo a propria sombra, e como a mêdo
Abraço a solidão.

Após da festa não ha nem luz, nem vida,
E nem da orchestra siquer nota perdida
Revibra no salão.

—
Tolda-se o firmamento; as sombras descem;
Reina a tormenta; os astros desaparecem;
E' todo negro o norte!
Sérpe ignita o raio enrosca as vagas,
Que succedem-se, gemendo, á longes plagas,
O cantico da morte.

—
No entanto, a morte, que conservo n'alma,
Não dá-me, barbara, o repouso, a calma
Da campa delecteria.
O' misero que sou!... Eis minha sorte:
— Silencio e sombra, isolamento e morte,
E despreso e miseria!

—
Qual da Bethania o biblico leproso
Eu padeço; e qual Job, nem siquer ousou
A' meu Deos me queixar.
E martyr, a tortura e o esquecimento
Calo n'alma, sigillo o meu tormento...
Padeço sem chorar.

—
O mundo de meu pranto zombaria
Se m'o visse verter, sim se riria
Democrito cruel!
Porque-sem compr'hender seu riso stulto,
Tyranno lançar-me-hia atroz insulto,
Os residuos do fel!

.....
.....
.....
*
.....
Mas o que importa a turba que escarnece,
Quando no peito a vida se esvaéce
Transbordando de dor?
Que importa mais um travo, um soffrimento,
Um espinho de mais, mais um tormento,
Na vida do cantor?

—
Que importa mais um golpe sobre a chaga,
Que sangra eterna, que jamais se apaga,
Que já cura não tem?
Ergão-se phariseos, lancem-me os dardos,
Eis o meu peito... crêem-me de cardos,
E eu rirei tambem.

—
Rirei da propria dôr que me turtura,
Rirei da minha infausta e má ventura
Escripta no inferno...
E embora sinta pungir-me aguda pena,
Rirei té do juiz que me condemna,
Serei um riso eterno!

E rindo, crer-me-hão feliz. No meu tugurio
Ninguém virá bradar-me: — “O’ filho expurio,
— Arréda, eu quero entrar!”
Mendigo, posso invocar a caridade,
Impetrar d’esto mundo a piedade,
Sem ter do que corar.

Mas nunca amor supplica o coração,
Que póde bem ser nobre, e não ter pão,
Na miseria jazer!
O’ que a fome de Camões fêl-o mais nobre,
E nem corava o Jáo pedindo um cobre,
Para lh’o vir trazer.

Não deshonrou a esmola a Belizario,
Quando da patria banido, adversario,
Triste fado cumpria,
Pelo braço da filha que o guiava,
Doce luz que ao grande cêgo illuminava
A deveza sombria.

*

E no entanto, eu soffro... e muito... e só!
Mas não quero que de meus males tenha dó
Quem negou-me um seu riso.
Não!... Regeito a compaixão por seu rancor,
Quero — inteiro seu odio, ou seu amor —
Inferno ou Paraizo!

No orgulho que se nobilita no tormento
Julgo o mendigo de amor vérme nojento,
Repugnante e vil
Quero ser antes obelisco no deserto,
Do que poder esmagar-me, em passo incerto,
Um pé como a um reptil.

*

Todos os entes creados
São mais felizes que eu;
Têm estes por patria os prados,
Aquelles — nuvens do céu;
Este outro no fundo mar
Tem seu berço que ha de amar.

E lá na invia floresta,
Inaccessivel, remota,
Nas horas da ardente sésta
A fêra vae senda ignôta;
Penetra as grotas dos morros,
Onde aninha os seus caxorros.
E toda amor, quem diria
Ao vél-a a prole lamber,
Que é ella a besta bravia,
Que de susto faz tremer?
Pois na caricia materna
Tanto é docil, tanto é terna!

E como a tigre na selva
Azylo aos filhos procura,
Busca a cadórna, de relva
Uma toiga mais segura,
Onde faz cama macia,
Sobre a qual seus pintos cria.

A mosca, o pequeno insecto,
A serpente ignava e vil,
O vérme o mais abjecto,
O mais nojoso reptil,
Sentem o amor filial,
Todos, por lei natural.

E á esta lei tão suave
— De amar tão caro objecto —
Nenhum, nem fera, nem ave,
Nem o reptil, o insecto,
Nem o verme famulento
Se lhe esquivava ao mandamento.

Nenhum ao filho renéga!
E, irrisão! ao contrario,
Em quanto o bruto os offéga,
Vae ali, cruel sicario,
Humano desnaturado
Deita fóra ao seu gerado!

As maldições do inferno
Punão tal crime e infâmia...
Que o punja remorso eterno,
Que eterna lhe seja a insania!
Que seu peito, sem amor,
Seja eculeo á mortal dor.

Mas blasphemo, meu Deus!... Perdão, Senhor,
Não fulmines a colera dos céos
— Nem sobre a mãe, que ao filho renegou;
— Nem sobre o filho, que a mãe amaldiçoou!...
Perdão, Senhor, perdão!

Estava louco...
A dor me obsecou e ardendo em febre
Eu não senti dos labios, que queimavão,
A lava do anathema se expellir...
Perdão!... Eu soffro muito!

O' minha mãe,
Te não podes queixar se aos céos mandei
Contra ti uma queixa amargurada...
Eu não sei compr'hender o amor de filho,
Porque não tendo paes, nunca o senti!
A êsmo, lançado á praia, ao acordar-me

Do pezado lethargo em que jazia,
Tinha a meu lado o mar erguido em furia;
O céu era mais negro que o mysterio

Da minha triste historia e nascimento;
E confusos, no horror da tempestade
Meus primeiros vagidos s'extinguirão.

Edesde o leite que devia alimentar-me
Até o teu extremo e tuas bênçãos,
Tu, me negaste tudo, ó minha mãe.
Pr'a furtar-te a vergonha do teu erro
Optastes, cruel, meu sacrificio...
Me mandaste engeitar da praia á beira!

Mais benigna serias dando em pasto
A' esfaimados cães meu fecto imbelle,
Do que deixar-me vivo, entregue aos homens.

Me não podes chamar — máo, inflexível,
Porque não me ensinando uma virtude,
Não me déste uma crença, e nem teu nome,
Para evocando a Deos abençoal-o.

Se eu sou máo, é somente a culpa tua;
Pois não pôde ser bom quem não haurio
Nos seios de uma mãe leite e ternura.

Repellido por ti, mulher sem alma,
Por ti, de quem sou parte em carne e sangue,
Quem da vida, na rota que percorro,
Me mostraria o norte e o bom caminho?
Quem viria enxugar o pranto amargo
Que de meus olhos verte copioso
Qual outr'ora d'Horeb o jorro d'agua,
Na minha solidão, n'este deserto
Immenso como o Barca, ingrato assim?
Oh! ninguém, minha mãe!... Se tu podeste
O fructo do teu amor, fracção de ti,
Jogares ao desprezo e aviltamento;
Repellido por ti, que só devêras
Morrer commigo ao seio, quem quizera-me,
Ou quem quizera eu — chamar de amigo?
Ninguém me quer a mim, e eu a ninguém.

Mas n'este isolamento da familia
Ha momentos horriveis, explosões
De desespero e pena, de odio, de ancia,
Que espedação a alma, em que fallece
A mais robusta fé... Horas de insania.

Sem crenças, sem esperanças, sem amores,
Que lhe inspire nas acções nobres e grandes,
Elle — engeitado — por todos malquerido,
A seu turno também descrê de todos,

E sceptico se torna, e se degrada...
Suppõe na carne o goso e após o nada;
Ama, ou se entrega ao goso da materia;
E deixando-se arrastar das vis paixões
Um degráo, outro e outro desce á crápula,
Que na taberna immunda a sêde tem.
Ahi se joga a honra contra o ouro
Desse templo infernal unico idolo;
Ahi se acalma a dor na embriaguez;
Ahi se apaga a sêde que devora,
Nos labios das Phrinés, ou no cognac,
Que cresta nas labaredas milicôres
Os hervados espinhos do desgosto;
Ahi, cambaleando, em copos cheios
Bebe-se o poncho, o rhum, e o abysintho
Em louvor da materia em bellas fórmãs!
A saude do corpo! — a paz d'Epicuro!
Ahi, onde a mulher venal, sem pejo,
A' quem mór preço dá vende os encantos.
E exclamando — **Per Baccho amor e vinho!**
Rodopia, fraqueia e cahe por terra!...
E' onde vae esquecer a dor as vezes
O engeitado, o orphão de paes vivos!
Sim, é nessa ignobil furna tenebrosa,
N'esse barathro onde os vicios remoinhão,
Que elle vae esquecer magoa profunda,
Que elle busca o prazer das sensações,
O suicidio emfim, do corpo e d'alma.

Mas eu não desci tanto, não, o juro
Por Deos, em cuja fé fui educado,
A' cuja omnipotencia eu curvo humilde,
De quem conheço a obra-maravilha,
Essa, a mais sancta das virtudes todas
Ensinada por Elle, a — **Caridade!**
Não calquei um degráo sequer da escada,
Que descida uma vez não mais se sobe,
E que vae ter pelo crime ao cadafalso.
Não, beirando-a talvez, voltei a tempo:
Por que foi indo á ella que aprendi
A ter crença, a ter fé, a ter espr'ança.
Já quasi no pendor a descambar-me,
Ergueo-se uma mulher, se sombra, ou corpo,
Não saberei dizer, mas sei que era
Tão bella como os anjos do Senhor,
Que, acaso, um milagre, ou a Providencia
Collocou — qual pharol erguido a costa,
Que ao navegante mostra onde os escolhos,
Que deve desviar — em meu caminho,
E o passo suspendi na torpe senda,
E tive de mim mesmo pejo e dó.
E senti-me pequeno e acabrunhado
Ante a estatua que Deos reanimára
Para ser d'ora avante idolo ao bardo!
Se ella um anjo não é, se nunca o foi,
Era modelo, que os gregos não tiveram
Para d'elle imitar de Chypre a Deosa.

E, ou fosse illusão gerada em febre,
Ou bella realidade, eu sei que a vi,
E que ao vê-la esqueci quanto soffria
Para só a lembrar no meu amor.

—
Ella era um anjo, sim; ella ensinou-me
A não desesperar do infortunio,
A esperar, crente em Deos, melhor porvir.

—
Ella era um anjo, sim; n'ella adorei
A mulher que odiára em minha mãe!
E todo o odio que votava a esta
Transfundio-se em ternura, em piedade!...

.....
O' Christo, como é bello o teu calvario
Onde chora Magdalena arrependida!

—
Bem longe vae meia noute,
São horas de repousar;
Todos tranquilllos já dormem,
Só eu estou a velar...
Elles sonhão, — são felizes...
E eu? Nem posso sonhar!

—
Faz frio, recrudesce a chuva,
Eu me sinto enregelar;
Todos têm tecto, ou lareira
Onde se vão abrigar.
Mas eu, mendigo, engeitado,
Aonde irei pernoutar?

—
Só tenho por leito as praias,
Ou das ruas a calçada;
Por coberta as intemperies,
E além d'ellas mais nada.
Mas como deitar-me agora
Se 'stá tão fria e molhada?

—
Passarei a noute inteira
Desperto sem precisão,
Collado á fria parede,
Ou de joelhos no chão.
Seja pelo amor de Deos
Rezemos pia oração.

Porto Alegre, 13 de Outubro de 1869.

José Bernardino dos Santos.

O CELIBATO

Epistola V e ultima

“Maldicto o matrimonio e seus effluvios!
“Maldicta a lei que o matrimonio ordena!
Tu disseste!? Blasphemia! Impiedade!

Meia-noite echôa nos espaços
Entro em casa, me sento junto á mesa
Onde sempre te escrevo.

Um velho amigo
Consocio de collegio e d'esses dias
Que nossas fronte risos enfloravão
Da infancia na aprazivel, doce quadra,
Ha pouco visitei, com elle estive.

Quando da pubescencia ardentes áscuas
No peito lhe ferverão, foi um louco
Arrastado nas ondas da volupia.
Nada temia, além dos desenganos
Em seus amores faceis e conquistas.
Insano s'entregava ao tom dos ventos
Que as paixões sopravão dentro d'alma,
Bem como o nenuphar na espúnea lympa
D'uma torrente em tufos despenhada.
Lovelace o chamarão, Jacques Rolla,

E não o era! Que apenas fôra o infante
Que atraz corre de varia borboleta,
E corre até cahir no prado exausto.

Cansou um dia, arripou no trilho,
E á lareira correrá d'onde ausente
Por largo tempo esteve, sem lebrá-a.

Vi-o constricto vir, pallida fronte,
Macilento, sorrindo com tristeza.
A's pompas que pullulão primaveras,
Ao desbrochar dos annos vendo a vida
Como botão que murcha, como phálena,
Que na chrisalida — risonho berço,
Vai deparar a tumba cineraria!
Vi-o assim, mas por pouco.

De seus tectos
Inda agora sahi e trouxe n'alma
Doce perfume de caçoila argentea
Alegria ineffavel que amenisa,
Que o espirito depura, a Deus exalça,
Fal-o energico, forte debater-se.

E sabes o que tinha ameno balsamo?
Sabes o que doçuras derramou-me,
Como a maveta o beijoim vertendo
Em caracões azues de olente efflúvio?
Foi um quadro singelo, mas sublime
Como o que a Raphael o typo dera
Da virgem da Cadeira.

Vou traçal-o
Em rapido bosquejo
Sobre um leito
Enfermo jaz um moço levemente,
A seu lado zelosa e terna esposa,
E d'elles de permeio curto berço
Onde gentil menina dorme o somno,
Que dormem anjos na morada cérula.
Que delicias frui assim os vendo!
Como abençoei o céu que faz ditosos!
E no meu coração, quantas caligens
Não dissiparão breve a linda scena!

Deus é grande, exclamei, feliz o homem—
A consorte amavel, diligente
Do esposo soletrar nos olhos busca
O menor de seus desejos, a seus males
Blandicias derramando em doce trato
Que á mulher só pertence, só é d'ella
Só póde dispensar, trato que viça
Aos femininos dedos pulchras flores
Da esperanza vital, e que ao doente,
Ao homem que debruça nos abysmos,
Evoca do soffrer a seu aceno,
Para abrir-lhe o alcáçar de venturas.
Como Lazaro á voz do divo mestre
O sudario rompendo torna á vida.

A filhinha desperta a nossas vozes,
E logo novo rumo toma a pratica.
Alli vela sorrindo, se animando
Ao amplexo paternal, da mãe aos beijos,
Vel-a balbuciar accentos timidos
Que o labio infantil murmura cedo
Accentos como canticos seraphicos.
Como harmonias que do templo emanão,
Como brizas d'um lago á flor correndo,
As horas se deslisão como em sonhos
Ou bem quando a alma em abandono escuta
As notas palpitantes — scismaadoras
Da musica que prende attento ouvido,
O sentimento erguendo além da terra.
Eu amo das crianças o sorriso
Pois que n'elle o Jordão deparo sempre
Onde o bulcão dos odios s'esvaece,
Onde as rugas da fronte se distendem,
E o tedio, que o seio me banhava
Desfaz-se em subitaneo, ethereo jubilo.
No semblante infantil o céu s'espelha,

Nos olhos de virginea, castidade,
Nas graças que enuncia em cada gesto,
Na palavra que o labio desabrocha...
O' a infancia, a innocencia, é tudo o mesmo!

Depois a avó entrou, ruina esplendida
Por onde as idades passa a foice
E no seu nobre porte apenas traça
Um vinculo ligeiro que s'aminha
Avita experiencia aos filhos util,
Cuja testa cingida de respeito
Ao sol do inverno resplandece os gelos.

Havia tanta luz n'aquelle grupo
Que alli a natureza apresentava,
Tanta expressão, e magia tanta
Que pintal-o, quem póde? Quem ousára?
Pintor lança o pincel da tela longe,
O cinzel, o buril alli se calem
Que seu sublime artista é Deus somente.
E tu, penna, do obscuro litterato
Que tentas sublimar-te, não prosigas,
Suspende n'esse arrojo temerario.
Sente-se meramente, não traduz-se
A eloquencia expressiva d'esse quadro.
De Timantes o celso imita o exemplo,
E' digno de imital-o, quando vastas,
Immensas proporções o assumpto abrange.
Assim é que eu quizera o sacerdote:
Quizera-o ver modelo de virtudes,
Bom cidadão, arauto da verdade,
Archetypo dos pais pregando ardente
As venturas da vida na familia,
E repetindo em vez de sévo anathema:
Bemdicto o matrimonio e seus effluvios!
Bemdicto a lei que o matrimonio ordena!

Seguisse o Vaticano a voz do seculo,
Supplantando os defeitos do passado,
Erroneas leis da igreja e preconceitos,
Revestindo a chlamide do progresso,
Grandiosa missão seria a sua,
E Roma houvera preitos entre os povos,
Roma altiva reinára como outr'ora.

PERDÃO

Perdão! Lucia, perdão... se n'um momento
De arroubada paixão,
Minha voz foi d'insulto a teus ouvidos;
Se ameaças uni aos teus pedidos,
Perdão! Lucia, perdão!

Perdão! Se eu do pudor o véo rasgando
A flor dos labios teus,
Profanei d'esse amor o santuario
Como profana a mão do mercenario
As aras do seu Deus!

Perdão! se n'esses transe de delirio,
De escravo quiz ser rei;
Se respirando o sopro de teu peito
Recusei uma vez render-te preito
No throno que jurei.

Mas tu não te curvaste ás ameaças
Que louco proferi;
Despresaste-me só, que eras rainha
E eu que logo tombei d'altivez minha
Escravo sou de ti.

Ardia-me esta fronte em febre aceza
N'um avido queimor...
E eu suppliquei-te, morto de esperança,
Depois... (meu Deus!) eu murmurei — vingança...
Mas tudo só de amor!

Perdão! se n'esse arfar de ethereo gozo
Minh'alma viste arder;
Se enlevado de colera um instante,
Eu tentei acordar n'um peito amante
O medo entre o praser!

Não cedeste ao terror; á nuvem negra
A aguia não baixou;
Quiz do céu derribar-lhe iroso vento,
Ella firme parou — parou um momento
E mais alto voou!

A aguia foste tu que revoavas
N'um peito a se incendir;
Eu fui o vento que tentou rojar-te...
Mas das azas de amor á subtil arte
Quem póde resistir?...

Perdão, porém, meu anjo de delicias
De um Eden divinal;
Perdão! se d'essa chamma nos ardores
Ousei faltar mil juras, e de amores
Fallar de uma rival!

Perdão, Lucia, de amor se arrebatado
Me havia o coração;
Se eu promessas te fiz — ameaçando,
Se em vingança fallei-te — supplicando,
Perdão! Lucia, perdão!

Porto Alegre — 1868.

F. Antunes F. da Luz.

EMENTARIO MENSAL

Hoc opus hic labor est.

Eis ahi um dito de grande applicação nas cousas d'este mundo, e que excellentemente casa-se n'este instante com o meu máo humor litterario. Por mais que eu pense, por mais que procure inspirar-me, nada brota a imaginação, que cheia de visões informes, só tem concepções sem belleza.

E escreva-se alguma cousa quando sómente o tédio invade o espirito, e a faculdade inventiva não dá de si.

Ah! Camillo, Camillo, és um rei eterno a quem n'este momento invoco; sopra-me de lá aos ouvidos algumas d'essas phrases ricas de idéas que costumás desprender dos labios, e a minha imaginação expandir-se-ha como a flor bafejada por matutinas brisas: solta um brado concitante que venha reboar ao Sul do gigante americano, e o meu espirito adejará vivaz, e serei fluente...

Entretanto reina a monotonia, e a sentença — **Hoc opus hic labor est** não se me apaga da mente.

E' que quando a natureza entristece e predispõe-se á lethargia, difficilmente reanima-se; faz-se mister a experimentação de fortes emoções, e mais ainda, que alguma mão divina lhe vá estremecer o seio.

Então ergue-se altiva, acerca-se do bello, e forte e vigorosa subjugua o mal.

Mas falho de emoções, baldo de crenças, que poderei eu sentir á afugentar-me o tédio?

Nada, porque a emoção que verdadeiramente inspira, aquella que vem de um sentimento terno e vivificante do amor, não me vem ao coração, que pulsa na placidez do lar; nada, porque a crença unica capaz de produzir cantos e flores, envelheceu comigo no seio da familia.

E assim é apenas sob a pressão de um dever, que escrevo o ementario, não sabendo mesmo o que fazer para evitar aos leitores alguns momentos de aborrecimento.

Emfim trabalhemos; se formos infelizes, nos dispensarão muita indulgencia, certos de que veda-nos o bom desempenho da missão a frouxidão da intelligencia.

Comecemos; e como cumpre, noticiando o apparecimento de algumas obras, que sobejamente attestão o desenvolvimento rapido e brilhante das letras no paiz.

Publicou-se na côrte a segunda edição do muito util e interessante trabalho do Sr. Dr. Castro Lopes, intitulado **Cathecismo de Agricultura**.

Os serviços prestados ás sciencias e ás letras pelo distincto escriptor são tão conhecidos, que nos dispensamos de apontal-os aqui, deixando mesmo de dizer algo sobre o seu ultimo trabalho, que aliás conhecemos.

* * *

Encetou o Sr. José de Almeida Soares, tambem na côrte, a publicação da traducção de uma **Historia do commercio de todas as nações** desde os tempos antigos até nossos dias.

Não temos o prazer de conhecer o Sr. Almeida Soares, mas saudamol-o pelo relevante serviço que presta á causa das lettras n'essa parte transcendente, que faz o objecto de difficeis estudos, e que sempre recordará os vultos grandiosos de Gresham, Craveu, Beukel e outros.

*

*

*

Em S. Paulo, n'essa terra das tradições gloriosas, onde ao romurejar das brisas nas florestas, desprendem-se cantares rescendentes de patriotismo; ahi onde a intelligencia brota impetuosa e a imaginação é rica; n'esse torrão encantado, onde talvez a mocidade mais se depura no estudo das lettras patrias, publicaram os Srs. H. Amaral e Candido Barata um drama em quatro actos intitulado — **O Soldado Brasileiro**.

Não conhecemos o trabalho d'esses dois athletas nas lides litterarias, mas somos certos de que, sendo o thema sobre que escreveram vastissimo, deve ter sido bem esboçado o genio do soldado brasileiro.

*

*

*

O distincto latinista o Sr. Sotero dos Reis traduziu e publicou no Maranhão os **Commentarios de Cezar**.

Que poderíamos nós dizer sobre tal trabalho, quando o conhecemos?

Nada, porque ao passaro que rasteja só é dado mirar a aguia em seu remigio; nada, porque á intelligencia que mingua á falta de cultura, só é dado admirar o talento que se expande.

*

*

*

Lendas da provincia do Espirito Santo é o titulo de um livro que acaba de ser publicado pelo Sr. Dr. Peçanha Povoas.

Comquanto não conheçamos de perto o Sr. Dr. Povoas, pensamos comtudo que o seu livro deve ser importante, já pelo thema necessariamente rico de episodios, já pelos dotes do autor, a quem pressurosos saudamos.

*

*

*

O Sr. Dr. Joaquim Maria de Lacerda publicou uma geographia destinada á instrucção secundaria.

Temos ouvido, os maiores elogios sobre o livro do Sr. Lacerda, nosso antigo collega de academia, e a cuja intelligencia e illustração sempre nos curvamos; e cremos que a boa justiça lhe assistirá toda a vez que novas produções suas apparecerem.

*

*

*

Diversas outras publicações se fizeram e em outras provincias, que deixamos de mencionar por não tornarmo-nos mais enfadonho; apontaremos apenas mais duas que, porque nascerão aqui, tornão-se dignas de especial menção. São ellas o drama **Mulher e Mãe** do distincto litterato o Sr. Eudoro Berlink, e **Trêtas e Pêtas**, collecção de romances e contos do não menos distincto poeta o Sr. Vasconcellos Ferreira.

Quanto ao primeiro, já representado no nosso theatro, nada pode-

mos dizer na occasião, a não ser o que dissemos em o numero sete da nossa revista, não só por faltar-nos o tempo e o espaço preciso no ementário, como porque pretendemos em artigos especiaes occupar-nos de-tidamente d'esse bello trabalho.

Quanto ao segundo, que ainda não conhecemos, diremos alguma cousa no proximo numero da revista.

*
* *

Apre! Os leitores sentem-se fatigados?

Pois tambem eu, apesar de nada ter feito. Quid facere? Nem todos nascerão para tudo: não póde ser bom piloto quem nasceu para arrieiro. Emfim façamos mais um esforço, e chegaremos ao porto.

*
* *

A companhia Cabral Junior vai, apezar dos pezares, com vento em pôpa. Feliz gente! Mesmo repisando os dramas do seu fraco repertorio, não lhe vem calmaria. E' o caso de dizer-se: **Audaces fortuna juvat.**

Que querem? Quando o povo é paciente e a quadra falha de divertimentos, a necessidade aconselha a tolerancia. Consta-nos que retira-se da companhia a Sra. Marquelou, vindo substituil-a a eximia actriz a Sra. Adelaide Amaral; não sabemos se é exacto, pouco nos interessa mesmo isso, uma vez que estamos condemnados a admirar tres ou quatro figuras, que por sua crassa ignorancia e requintado de-leixo, compromettem os melhores artistas.

*
* *

Quizeramos dizer alguma cousa com relação aos actores Germano e Pereira, mas sendo esta revista correspondente ao mez de Dezembro, e demorada por motivos que se prendiam á nova eleição da directoria, não o fazemos, visto que o facto prende-se ao mez de Janeiro: Ao redactor que entra de mez fica essa tarefa que será melhor desempenhada do que por nós.

*
* *

Terminamos assegurando aos leitores, que escrevemos estas linhas á ultima hora, e quando nos sentiamos immersos em um mar de tedio.

A. e S.

Porto Alegre, Dezembro de 1869.